

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

MARIANA ERNESTINA DA SILVA

**AS INTERAÇÕES ENTRE BEBÊS E SEUS PARES E BEBÊS E BERÇARISTAS EM  
UM CREI DE JOÃO PESSOA/PB**

João Pessoa - PB

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

MARIANA ERNESTINA DA SILVA

**AS INTERAÇÕES ENTRE BEBÊS E SEUS PARES E BEBÊS E BERÇARISTAS EM  
UM CREI DE JOÃO PESSOA/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ana Luísa Nogueira de Amorim

João Pessoa - PB

2020

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S586i Silva, Mariana Ernestina da.

As Interações entre bebês e seus pares e bebês e berçaristas em um CREI de João Pessoa/PB / Mariana Ernestina da Silva. - João Pessoa, 2020.  
71 f. : il.

Orientação: Ana Luísa Nogueira de Amorim.  
Monografia (Graduação) - UFPB/Centro Educação.

1. Bebês. Educação Infantil. Interação. Profissionais.  
I. Amorim, Ana Luísa Nogueira de. II. Título.

UFPB/BC

MARIANA ERNESTINA DA SILVA

**AS INTERAÇÕES ENTRE BEBÊS E SEUS PARES E BEBÊS E BERÇARISTAS  
EM UM CREI DE JOÃO PESSOA/PB**

APROVADO EM: 06/04/2020

**BANCA EXAMINADORA**



---

Profª Drª Ana Luisa Nogueira de Amorim - UFPB  
(Orientadora)

---

Profª Drª Idelsuite de Sousa Lima - UFPB  
(Professora do Examinadora)

---

Profª Drª Emilia Cristina Ferreira de Barros- UFPB  
(Professora Examinadora)

João Pessoa - PB  
2020

*Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos.*

*Paulo Freire*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, eu agradeço ao meu Deus, por todos os benefícios que me deu, primeiramente por ter me dado o dom da vida, o poder de conseguir entrar no curso de pedagogia, resistir durante todo o percurso, conseguir concluir este trabalho em meio a tantas tribulações e poder me formar.

Agradeço aos meus pais, Maria José da Silva e José Juliano da Silva e familiares, pelo incentivo da entrada do curso e permanência, por todos os auxílios e compreensão todas as vezes que me ausentei em viagens para dedicar-me ao curso.

À minha Professora, coordenadora e orientadora, Ana Luisa Nogueira de Amorim, que esteve presente de alguma forma em toda minha vida acadêmica, por ter aguçado em mim a paixão pela educação infantil, agradeço por todas as oportunidades ofertadas, pela paciência e compreensão comigo, seus ensinamentos foram essenciais para minha vida acadêmica e será ainda mais na minha vida profissional.

Aos meus amigos que me apoiaram, minha amiga Giovana Hellen, por todo o companheirismo e irmandade durante todas as jornadas diárias da graduação, agradeço pelas palavras de estímulo, por me escutar e aconselhar sempre, as minhas grandes amigas de graduação e vida, Isabella e Eryelle, pela amizade, apoio e incentivo, por todas as conversas entre alegrias e tristezas da graduação e da vida, onde a sororidade existiu, as minhas amigas de trabalho e da vida, Renata Suzana e Isabel Cristina, que me incentivam a buscar meu melhor sempre pelo companheirismo e afeto, aos meus amigos do ensino médio para a vida, sempre presentes e dispostos a ajudar, Felipe, Matheus, Priscila, Geogyanna, Rayanna, Rayssa e Marília, que dividiram comigo os momentos de tensão e insegurança durante nossos cursos.

A minha turma da graduação que fez com que as aulas se tornassem melhores, por todos os momentos na praça do Centro de Educação em que muitas felicidades e frustrações foram compartilhadas.

Agradeço aos professores que fizeram parte e a diferença em minha graduação, com seus ensinamentos, alguns com suas experiências e sensibilidade me ensinaram muito.

## RESUMO

Este trabalho aborda a interação dos bebês com seus pares e dos bebês com as berçaristas em um CREI de João Pessoa/PB. Teve como objetivo geral observar e analisar as interações dos bebês com seus pares e dos bebês com as berçaristas em uma turma de Berçário 1. A pesquisa foi realizada em um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI), situado na cidade de João Pessoa, na sala do Berçário 1. Os participantes da pesquisa foram, 27 (vinte e sete) bebês matriculados na turma onde a pesquisa foi realizada, 5 (cinco) berçaristas (profissionais de educação infantil sem formação docente, denominadas de berçaristas) e 1 (uma) professora, que atuavam na turma acompanhada. Os bebês presentes na turma encontravam-se, no início da pesquisa, na faixa etária entre 6 (seis) e 11 (onze) meses de idade. Adentramos ao campo de pesquisa com os objetivos de observar as múltiplas linguagens dos bebês durante as interações; e verificar as formas de interação utilizadas pelas berçaristas com os bebês, que permitiram atingir o objetivo geral. O estudo realizado foi de natureza qualitativa, abordou aspectos teóricos e análise em documentos legais vigentes referentes à Educação Infantil, buscando compreender as percepções coletadas através das concepções de Barbosa (2008; 2009; 2010) Vygotsky (1991), RCNEI (1998); Amorim (2011); e Barbosa e Richter (2009). O conteúdo empírico refere-se a uma pesquisa de campo, utilizando-se da ferramenta de pesquisa, para a coleta dos dados, “Diário de campo”, para registro das observações do cotidiano em campo e de um questionário respondido apenas pela professora, conforme o seu entendimento sobre o que seriam as interações e como seria sua convivência com os bebês. Na análise dos dados coletados em campo, destacamos os relatos sobre as interações vivenciadas durante a rotina do berçário, que demonstram uma despreparação profissional das profissionais que interagem diretamente com os bebês, que apresentam práticas inadequadas e insuficientes para garantir o pleno desenvolvimento das crianças. Ao final, compreendeu-se a importância de uma formação inicial e continuada dos profissionais que atuam na área de Educação Infantil, novas concepções e metodologias, resultando na ampliação dos olhares destes profissionais, buscando uma melhoria na Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Bebês. Educação Infantil. Interação. Profissionais da Educação Infantil.

## ABSTRACT

This work addresses the interaction of babies with their peers and babies with nursery workers in a CREI in João Pessoa / PB. The general objective was to observe and analyze the interactions of babies with their peers and of babies with nurseries in a class of Nursery 1. The research was carried out in a Reference Center in Early Childhood Education (CREI), located in the city of João Pessoa, in the nursery room 1. The research participants were 27 (twenty-seven) babies enrolled in the class where the research was carried out, 5 (five) nurseries (professionals in early childhood education without teacher training, called nurseries) and 1 (one) teacher, who worked in the accompanied class. The babies present in the class were, at the beginning of the research, in the age group between 6 (six) and 11 (eleven) months of age. We entered the field of research in order to observe the multiple languages of babies during interactions; and to verify the forms of interaction used by nurseries with babies, which allowed reaching the general objective. The study carried out was of a qualitative nature, approaching theoretical aspects and analysis in current legal documents referring to Early Childhood Education, seeking to understand the perceptions collected through the conceptions of Barbosa (2008; 2009; 2010) Vygotsky (1991), RCNEI (1998); Amorim (2011); and Barbosa and Richter (2009). The empirical content refers to a field research, using the research tool, for data collection, "Field diary", to record daily observations in the field and a questionnaire answered only by the teacher, as their understanding of what interactions would be and how they would live with babies. In the analysis of data collected in the field, we highlight the reports about the interactions experienced during the nursery routine, which demonstrate a professional unpreparedness of the professionals who interact directly with the babies, who present inadequate and insufficient practices to guarantee the full development of the children. At the end, it was understood the importance of an initial and continuous training of professionals working in the field of Early Childhood Education, new concepts and methodologies, resulting in the expansion of the views of these professionals, seeking an improvement in Early Childhood Education.

**Keywords:** Babies. Early Childhood Education. Interaction. Child Education Professionals.

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| <b>Foto 1</b> - Parquinho do CREI .....  | 35 |
| <b>Foto 2</b> - Área do Pátio interno do CREI .....  | 35 |
| <b>Foto 3</b> - Espaço na Sala de referência com os tatames, pia e janelas.....                  | 37 |
| <b>Foto 4</b> - Espaços com os berços na sala de referência pesquisada.....                      | 38 |
| <b>Foto 5</b> - Espaço da sala de referência pesquisada com cadeirões.....                       | 38 |
| <b>Foto 6</b> - Banheiro da sala de referência pesquisada.....                                   | 39 |
| <b>Foto 7</b> - Banheiro da sala de referência pesquisada.....                                   | 39 |
| <b>Foto 8</b> - Bebês interagindo com outros bebês na porta da sala de referência e solário..... | 48 |
| <b>Foto 9</b> - Bebês observando a chuva pela janela da sala de referência.....                  | 48 |
| <b>Foto 10</b> - Bebês interagindo com seus pares no berço.....                                  | 49 |
| <b>Foto 11</b> - Bebês do berçário interagindo com o caderno.....                                | 51 |
| <b>Foto 12</b> - Bebê interagindo com a caneta.....  | 52 |

## LISTA DE SIGLAS

|        |  |
|--------|--|
| ABRINQ | Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos      |
| BNCC   | Base Nacional Comum Curricular                           |
| CREI   | Centro de Referência de Educação Infantil                |
| DCNEI  | Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil   |
| ECA    | Estatuto da Criança e do Adolescente                     |
| EI     | Educação Infantil  |
| LDB    | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira         |
| MEC    | Ministério da Educação e Cultura                         |
| PNAID  | Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio               |
| PNE    | Plano Nacional de Educação                               |
| PPP    | Projeto Político Pedagógico                              |
| RCNEI  | Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil |
| UFPB   | Universidade Federal da Paraíba                          |

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>1 APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO</b> .....                              | 12 |
| <b>2 CAMINHO METODOLÓGICO</b> .....  | 16 |
| <b>3 CAMINHO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> .....                        | 18 |
| <b>4 OS BEBÊS E SUAS INTERAÇÕES</b> .....                                    | 24 |
| 4.1 O ESPAÇO ADEQUADO PARA OS BEBÊS .....                                    | 26 |
| 4.2 OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL .....                              | 27 |
| 4.3 A INTERAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM OS<br>BEBÊS ..... | 30 |
| <b>5 AS INTERAÇÕES OBSERVADAS NO CONTEXTO DO CREI</b> .....                  | 34 |
| 5.1 CARACTERIZANDO A INSTITUIÇÃO .....                                       | 34 |
| 5.2 AS PROFISSIONAIS E OS BEBÊS DO CREI .....                                | 40 |
| 5.3 AS INTERAÇÕES COM E ENTRE OS BEBÊS .....                                 | 43 |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | 53 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | 56 |
| <b>APÊNDICES</b> .....   | 59 |
| APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....                 | 60 |
| APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO.....   | 61 |
| <b>ANEXOS</b> .....  | 63 |
| ANEXO A – QUESTIONÁRIO DA INSTITUIÇÃO.....                                   | 64 |

## 1 APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Ao longo da história da educação infantil, os bebês eram vistos como indivíduos incapazes, que necessitam somente de assistência e, analisando por esta ótica, a educação não era ofertada aos bebês. Após a revolução industrial, em que muitas mulheres começaram a trabalhar em fábricas, surgiu a necessidade de existir estabelecimentos que apenas “cuidassem” dos filhos destas mulheres para que trabalhassem, segundo Paschoal e Machado (2009), “[...] no Brasil, as primeiras tentativas de organização de creches, [...] surgiram com um caráter assistencialista, com o intuito de auxiliar as mulheres que trabalhavam fora de casa [...]” (p. 82).

Ao passar do tempo o número de estabelecimentos foi crescendo, e sendo ofertados para todas as crianças, não só para os filhos de mulheres que iriam trabalhar, “do ponto de vista histórico, foi preciso quase um século para que as crianças tivessem garantido seu direito à educação na legislação, foi somente com a Carta Constitucional de 1988 que esse direito foi efetivamente reconhecido” (PASCHOAL; MACHADO, 2009, p. 85). A oferta e a garantia da educação infantil para as crianças de 0 a 6 anos foram efetivadas, e os bebês que são sujeitos de direitos, crianças de 0 (zero) a 18 (dezoito) meses<sup>1</sup>, foram apropriadamente incluídos nestas instituições, nos chamados berçários. Entendendo-se que, os bebês com suas especificidades, necessitavam de uma prática que não ocorresse de forma apenas assistencialista, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), as creches passaram a ser reconhecidas como instituições educativas, especificando que as instituições de educação infantil, não somente cuidem das crianças, mas, também, apresentem uma intencionalidade pedagógica, pois

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros, em uma atitude de aceitação, respeito e confiança, e o acesso pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (BRASIL, 1998, p. 23).

Por esta perspectiva, acredita-se que nos berçários contemham funcionários que exerçam ações que proporcionem estas características e impulsionem a aprendizagem e cognição dos bebês. Conforme Barbosa (2010), os bebês precisam de atenção e cuidado, e os

---

<sup>1</sup> Faixa etária definida com base na autora Barbosa (2010), e no documento Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017).

adultos são os responsáveis por proporcionar esse acolhimento para eles. Entendendo que os profissionais de educação presentes neste campo devem assumir esta postura, é de suma importância o trabalho nessas instituições para propor o objetivo de “[...] garantir às crianças acesso aos processos de apropriação, renovação e articulação de diferentes linguagens” (BARBOSA, 2010, p. 05).

Seguindo essa linha de pensamento, busca-se adentrar neste espaço, conhecê-lo, observar os sujeitos e suas interações e ampliar os conhecimentos sobre este tema de suma importância para a formação do pedagogo e direcionar a pesquisa aos profissionais de Educação Infantil.

Após um levantamento inicial realizado pelos textos estudados em disciplinas, e mediante pesquisas realizadas, trazemos alguns teóricos que irão ajudar a discutir sobre esta temática, acreditando que, “As especificidades das características da faixa etária das crianças que frequentam a creche exigem conceber um outro tipo de estabelecimento educacional e, conseqüentemente, a revisão de conceitos naturalizados em nossa sociedade sobre escola e infância, conhecimento e currículo.” (BARBOSA; RICHTER, 2009, p. 86). Através desta visão, compreendemos que a instituição que oferta a educação infantil,

Torna-se, assim, um espaço de vida coletiva onde, diferentemente do ambiente doméstico, os bebês convivam com um grupo de crianças pequenas. Nesse lugar, junto com seus amigos e amigas, sob a coordenação de adultos especializados, as crianças têm a possibilidade de experimentar, aprender e construir relações afetivas. (BARBOSA, 2010, p. 3)

Diante do exposto, o problema que propomos investigar é: Como as interações dos bebês no berçário, com seus pares e com as berçaristas influenciam no desenvolvimento cognitivo e na construção das suas aprendizagens? Através da observação dos seguintes questões: Como ocorre as interações entre bebês e bebês?; Como ocorre as interações entre bebês e berçaristas?; Como os estímulos influenciam no processo de cognição e autonomia do bebê?; Como o pensamento de incapacidade e “superproteção” de adultos que interagem com os bebês, podem afetar esse processo?; e Quais são os aspectos de interação que contribuem para o desenvolvimento cognitivo dos bebês?

Sabendo-se que as interações influenciam no processo de aprendizagem, levanta-se a hipótese de que há práticas arraigadas de não estimulação e de não interação com os bebês nas instituições de educação infantil.

A partir das aulas da disciplina Organização e Prática da Educação Infantil a história da educação infantil no Brasil, surgiu o interesse pela temática, considerando que no início de sua implantação os estabelecimentos tinham o caráter meramente assistencialista, e para as crianças bem pequenas, os bebês, essa prática era ainda mais forte, por imaginar-se uma incapacidade desses sujeitos de se comunicar com o outro. Atualmente, acredita-se que essa concepção está sendo aos poucos modificada, mas nas instituições de educação infantil, estas práticas ainda estão arraigadas.

Mediante as observações na experiência vivenciada de Estágio não obrigatório juntamente com o componente curricular de Estágio Supervisionado obrigatório, entendendo a importância que a educação infantil tem nos primeiros anos de vida da criança, e a grande influência que essa educação possui sobre vários aspectos no decorrer de toda a sua vida, apresenta-se assim, a importância de como as interações com os bebês são fundamentais no processo de desenvolvimento do mesmo, seja com outros bebês ou com os adultos. É através destas, que o processo de construção de saberes vai acontecendo, e o bebê vai formando a sua própria autonomia.

No ambiente institucional é indispensável que o profissional de educação favoreça práticas e um ambiente propício para que as interações aconteçam e ocorra uma troca de aprendizados. É pensando nisso que realizei a pesquisa, buscando interagir e observar, com os bebês e profissionais de educação que participam desse processo, buscando compreender as dificuldades para o não exercício de uma interação intencional, e contribuir para que as práticas modifiquem de maneira mais interativa, proporcionando uma aprendizagem contínua nas instituições de Educação Infantil.

Diante do que foi exposto, levanta-se a seguinte questão norteadora: Como ocorrem as interações entre bebês e seus pares e bebês e berçaristas em um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI) de João Pessoa/PB? Buscando responder esta questão, o trabalho elegeu como objetivo geral: observar e analisar as interações dos bebês com seus pares, e dos bebês com as berçaristas em um CREI de João Pessoa/PB. E como objetivos específicos procurou-se: observar as múltiplas linguagens dos bebês durante as interações; e verificar as formas de interação utilizadas pelas berçaristas com os bebês, questão essas que permitirão atingir o objetivo geral.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: No primeiro capítulo está situado a introdução do trabalho. No segundo capítulo se encontra o caminho metodológico trilhado durante o trabalho. No terceiro capítulo discutimos sobre o caminho histórico que a educação infantil percorreu e seus avanços. No quarto capítulo abordamos sobre os bebês,

caracterizando-os e discutindo sobre suas interações, ressaltamos o espaço adequado para eles, articulando também sobre os profissionais da educação infantil e suas relações com os bebês. No quinto capítulo apresentamos as análises da pesquisa, a caracterização da instituição pesquisada, a descrição e análise sobre as profissionais e os bebês do CREI pesquisado e suas interações, ao final concluímos o trabalho com as considerações finais.

## 2. CAMINHO METODOLÓGICO

Esta pesquisa foi desenvolvida em uma perspectiva qualitativa, pois acreditamos ser a melhor maneira de analisar, para alcançar o objetivo e buscar responder o problema, segundo Godoy,

A pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados, envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995, p.58).

O trabalho foi desenvolvido através de uma pesquisa de campo, pelo motivo que adentramos ao campo para averiguar as interações e observar as experiências vivenciadas, tentando comprovar nossa hipótese, relacionando com os teóricos estudados. Foi do tipo exploratória, pois ao adentrar exploramos um campo que nunca foi analisado.

A pesquisa aconteceu em um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI), situado na cidade de João Pessoa/PB, local este onde foi vivenciado a experiência de estágio supervisionado obrigatório na educação infantil pelo curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pretendeu-se alcançar o objetivo de observar as interações dos bebês com seus pares e com as berçaristas, a coleta de dados aconteceu a partir de anotações, que gerou um diário de campo, com relatos sobre a observação, acredita-se que este instrumento, nos possibilita a coleta dos dados de forma que toda a experiência vivenciada fosse relatada,

[...] um documento pessoal-profissional no qual o estudante [profissional] fundamenta o conhecimento teórico-prático, relacionando com a realidade vivenciada no cotidiano profissional, através do relato de suas experiências e sua participação na vida social (LEWGOY; SCAVONI. 2002, p. 63).

Acreditando que o diário de campo, com o relato das observações traz de acordo com Gil (2008), a realidade vivenciada no dia a dia das atividades, juntamente com a fundamentação teórica, é de grande importância para captar as explicações e interpretações das experiências, e nos possibilita a coleta dos dados de modo com que tudo o que foi vivenciado fosse relatado de forma fiel, coletando dados relevantes para os objetivos que pretendia-se analisar. Sendo um instrumento rico de pesquisa para os sujeitos participantes que necessitam de uma coleta que atenda às suas necessidades, como por exemplo, os bebês por não se expressarem utilizando a linguagem, necessita de um instrumento de coleta que não necessite da

verbalização oral com o pesquisador. Desse modo, através da observação e reflexão do pesquisador, é possível coletar do ambiente os dados que necessita, pois segundo Falkembach (1987),

[...] O diário de campo consiste no registro completo e preciso das observações dos fatos concretos, acontecimentos, relações verificadas, experiências pessoais do profissional/investigador, suas reflexões e comentários. O diário de campo facilita criar o hábito de observar, descrever e refletir com atenção os acontecimentos[...] ( p. 1).

A intenção da pesquisa era aplicar um questionário com as berçaristas, mas as mesmas não se dispuseram a participar como sujeitos da pesquisa, resultando na aplicação do questionário apenas com a professora da turma. O questionário foi elaborado com questões fechadas que foram construídas a partir dos objetivos e das categorias teóricas, técnica essa que Gil (2008) explica, “Nas questões fechadas, pede-se aos respondentes para que escolham uma alternativa dentre as que são apresentadas numa lista. São as mais comumente utilizadas, porque conferem maior uniformidade às respostas e podem ser facilmente processadas.” (p.123). Optou-se pelas questões fechadas, por delimitar o assunto a ser respondido pela participante, limitando o comentário da mesma à maiores informações.

Durante a pesquisa destacou-se interações com alguns sujeitos específicos, e por esta razão foram escolhidas três categorias para análise dos dados coletados, a partir das observações em campo, a primeira foi a categoria “Berçaristas-bebês”, a segunda foi “Bebês-seus pares”, e a terceira e última foi “Bebês-pesquisadora”, essa separação dos dados por categorias facilitou a compreensão das relações observadas na análise.

A observação ocorreu em uma turma do berçário 1, do CREI, denominado de b1 pela instituição e pelas cinco berçaristas que acompanham a turma, no período de dois meses, entre outubro e novembro de 2019. A tabulação dos dados e análise ocorreu entre dezembro de 2019 e janeiro de 2020. O planejamento temporal das atividades até a apresentação, contendo a previsão do tempo necessário de cada etapa, foi organizado em um cronograma previsto no projeto.

### 3. O CAMINHO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Durante a história das primeiras civilizações, a educação destinada para as crianças era de responsabilidade estritamente da família, onde mantinham suas convivências e interações, aprendiam aspectos de sua cultura, seus costumes e regras da localidade em que estavam inseridos. Em suma, somente “na sociedade contemporânea, por sua vez, a criança tem a oportunidade de frequentar um ambiente de socialização, convivendo e aprendendo sobre sua cultura mediante diferentes interações com seus pares” (PASCHOAL; MACHADO, 2009, p.79), compartilhando de outras experiências com outros adultos e outras crianças.

A educação infantil em uma visão global passou historicamente por vários momentos, envolvendo aceitação, lutas e conquistas, iniciando-se após a transição para o sistema capitalista com a revolução industrial. Neste cenário de mudança, na sociedade europeia surgiu a necessidade de mão de obra que não necessitaria de força, o que fez com que muitas mulheres começassem a trabalhar em fábricas com seus filhos, sem estar mais no ambiente domiciliar fez com que, conforme Paschoal e Machado (2009), se reformulasse toda a concepção existente naquele momento do cuidar e educar dos filhos dessas mulheres. Com as condições de trabalho extremamente ruins e cargas horárias de trabalho cruéis, que puniam ainda mais as crianças, as mulheres foram lutar em busca de alternativas, então surgiu a necessidade da criação de estabelecimentos que cuidassem dos filhos destas mulheres para que trabalhassem, então mulheres que não trabalhavam em fábricas, cuidavam dos filhos das mulheres que trabalhavam, de uma forma informal, apenas com uma visão assistencialista, as chamadas “Mães mercenárias”.

Posteriormente, surgiram organizações voluntárias com uma proposta de instituição ainda informal em que mulheres que não possuíam uma preparação ofertavam a assistência e o ensino de cantos, rezas e regras morais da sociedade para as crianças, com o pensamento de deixá-los como crianças mais “comportadas”, assim os maus tratos aumentaram, com castigos severos que eram aceitos pela sociedade por ser o meio acessível para as mães, ocasionando em um grande aumento da mortalidade infantil. Para tentar contornar este quadro de mortalidade infantil, de forma filantrópica, pessoas vinculadas a igrejas começaram a acolher e cuidar das crianças necessitadas.

As primeiras creches e pré-escolas se originaram na Europa e Estados Unidos, com as finalidades de assistência e, também, educacionais. De modo geral, a educação oferecida por estas instituições era de cunho doméstico com a realização de trabalhos manuais e intelectual onde ensinavam a identificar letras e ler a bíblia, educação moral e cívica, e também as

crianças aprendiam prendas e dons como música e dança. A intenção dessas instituições era, primeiramente, retirar das ruas as crianças em situação de risco e dos perigos a que estavam expostas; em seguida proporcionava-lhes o desenvolvimento da inteligência e dos bons costumes (PASCHOAL; MACHADO, 2009, p.81). E este modelo foi seguido por outros países.

No Brasil, no período do século XIX, houve a necessidade social do surgimento das instituições que ofertavam a educação infantil com o caráter de creches. Alguns fatores influenciaram para que ocorresse tal mudança, como bem aponta Paschoal e Machado (2009, p.82),

Fatores como o alto índice de mortalidade infantil, a desnutrição generalizada e o número significativo de acidentes domésticos, fizeram com que alguns setores da sociedade, dentre eles os religiosos, os empresários e educadores, começassem a pensar num espaço de cuidados da criança fora do âmbito familiar.

Em face disso, foram abertas instituições as quais eram de cunho estritamente assistencialista por alguns motivos sociais, como tentar atender filhos de mulheres que trabalhavam em fábricas e ficavam muitas vezes sozinhas em casa e também as crianças que eram abandonadas nas ruas por não serem desejadas ou por possuírem alguma deficiência.

A família neste contexto se transformou passando de extensa para nuclear, socialmente, fora do seu meio familiar, a criança começou a ser notada, através desse ponto de vista do cuidado, de assistência com uma visão de uma educação compensatória para esses sujeitos que eram vistos como incapazes e dependentes em sua totalidade.

Durante os anos de 1970 foi criada as pré-escolas, em formato de jardins de infância somente para as famílias mais abastadas, acreditando-se já, neste momento, na importância da educação infantil para o desenvolvimento da criança até chegar ao ensino fundamental. Enquanto para as crianças de famílias pobres era ofertado uma espécie de amparo social, para as crianças de famílias abastadas ofertavam-se uma educação com um caráter pedagógico.

Depois, no período da República, criam-se as primeiras instituições, chegando a contar ao menos 15 creches, em 1921, e 47, em 1924, distribuídas por várias capitais e algumas cidades do país. Muitas instituições mantenedoras de creches conviveram com profissionais da área educacional e, desde essa época, incorporaram o atendimento das crianças de 4 a 6 anos em jardins-de-infância ou escolas maternas (KULLMAN JR., 2000, p. 8).

Visando atender todas as crianças de todas as classes sociais, principiou-se o processo de regulamentação deste serviço prestado a esta etapa da educação na legislação brasileira, e na década de 1980, após uma movimentação entre estudiosos e a comunidade civil depois de praticamente um século, houve a garantia da educação para a criança. A concepção que antes era estabelecida da educação infantil como um direito das mulheres que trabalhavam, mudou e é um direito da própria criança a uma educação pública. Este direito vem a ser assegurado na legislação, com a Constituição Federal de 1988, que reconhece as crianças como sujeitos de direitos, e assegura vários direitos aos mesmos, dentre estes está o direito à educação exposto no artigo 208: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: [...] IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)” (BRASIL, 1988, p. 83).

No Estatuto da Criança e do Adolescente, (ECA, Lei 8.069/1990) também foi garantido à criança os seus direitos, no que está explícito no artigo 3º, afirmando:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (BRASIL, 1990, p. 1).

Neste artigo terceiro, entendemos que o Estatuto traz no seu texto o reconhecimento dos direitos das crianças, de uma forma mais abrangente, enxergando-a como sujeito, ator social e reconhecendo suas especificidades, as particularidades que faz com que o público infantil se diferencie dos demais públicos, com o reconhecimento de suas necessidades próprias como o direito ao brincar e ao afeto.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, Lei nº 9.394/1996), insere a educação infantil como a primeira etapa da educação básica, sendo ofertada, mas não obrigatória. Essa Lei define que a finalidade da educação infantil é promover o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996). Outro fator que se destaca da LDB é onde aborda o desenvolvimento da criança em várias dimensões, reconhecendo a importância das diversas instâncias que envolvem a criança, visando um desenvolvimento completo deste sujeito. Houve uma mudança na redação depois de entrar em vigor a Lei Nº 12.796/13, no artigo supracitado onde afirma que as crianças de 0 (zero) até 5 (cinco) anos de idade têm o direito à educação infantil gratuita, assegurando a todos os sujeitos nesta faixa etária o acesso a experiências necessárias para um bom desenvolvimento na primeira infância. Assim, as

creches passaram a ser reconhecidas como instituições educativas, exercendo não somente a função assistencialista do “cuidar”, mas também mantendo uma intencionalidade pedagógica em suas práticas, com esta mudança houve um aumento na oferta destas instituições pelo município.

Entre os anos de 1994 e 1996 houve a publicação pelo Ministério da Educação de documentos relevantes para a educação infantil, como a “Política Nacional de Educação Infantil”, publicada em 1994 com uma atualização em 2006, que proporcionou fundamentos, que defendiam o aumento no atendimento das creches e a formação e qualificação dos profissionais para uma evolução nos serviços ofertados pelas instituições de educação infantil.

Posteriormente ocorreu a elaboração do documento intitulado “Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil” (RCNEI) criado em 1998, pelo Ministério da Educação, que pretendia dar subsídios para qualificar as práticas pedagógicas exercidas nos centros de educação infantil, atentando para uma intencionalidade educativa. Dividido em três volumes, este foi um dos materiais mais reconhecidos pela comunidade escolar pelo seu fácil acesso, já que era enviado diretamente para as instituições. Em seu texto, o RCNEI (BRASIL, 1998b) sugere que a prática educativa tenha o objetivo de fazer com que a criança se conheça, desenvolvendo uma imagem positiva de si, se descobrindo e estabelecendo vínculos afetivos com os seus pares e adultos, fazendo-a observar e explorar o ambiente de forma que interaja, brinque, e se expresse, utilizando as diferentes linguagens e que conheça algumas manifestações culturais, mediante situações pedagógicas orientadas e planejadas, orientando o trabalho dos professores, visto que,

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros, em uma atitude de aceitação, respeito e confiança e o acesso pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (BRASIL, 1998a, p. 23).

O Conselho Nacional de Educação aprovou as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil entre 1998 e 1999, a fim de direcionar, agora, de modo obrigatório uma ordem pedagógica para as instituições que ofertam a educação infantil das redes municipais e estaduais, e também as Diretrizes Curriculares para a Formação de Professores da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental (2001), com a finalidade de qualificar a formação dos profissionais atuantes nestas áreas, buscando assim uma qualidade no ensino. Com a resolução CNE/CEB 5/2009, houve uma mudança nas Diretrizes Curriculares para a

Educação Infantil, trazendo em seu texto o reconhecimento da criança como sujeito de direitos e definindo o currículo e os eixos do currículo para a educação infantil.

Para que houvesse a garantia da qualidade na educação e dos recursos que oportunizaram isto, foi aprovado o Plano Nacional de Educação (PNE) com a Lei nº 10.172/2001, esta lei determinava metas até o ano de 2010 para todos os níveis de ensino, que visavam melhorar a educação e a formação dos profissionais. Um novo Plano Nacional de Educação foi aprovado com a Lei nº 13.005/2014, com vigência até 2024, este plano estipula outras 20 metas, que se propõe melhorar a educação, valorizar o profissional de educação e erradicar o analfabetismo.

A educação infantil embora já estivesse certificada como direito para todas as crianças e dever do estado, só passa a ser obrigatória mediante a Emenda Constitucional nº59/2009, a qual determina a obrigatoriedade da matrícula das crianças com a idade de 4 (quatro) a 5(cinco) anos na educação infantil, sendo inserida na LDB no ano de 2013.

Atualmente, em 2017 o Ministério da Educação (MEC), homologou um documento normativo implantado pelo governo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), “que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2017, p.7). A BNCC apresenta na etapa que trata sobre a educação infantil, direitos de aprendizagem e desenvolvimento, reconhecendo as especificidades de cada grupo etário que está inserido neste estágio de educação,

Considerando que, na Educação Infantil, as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças têm como eixos estruturantes as interações e a brincadeira, assegurando-lhes os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, a organização curricular da Educação Infantil na BNCC está estruturada em cinco campos de experiências, no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural (BRASIL, 2016, p. 40).

Estes campos de experiências são: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação e Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Diante do exposto, constatamos que houve diversas mudanças na educação infantil durante a história, inclusive mudanças que envolvem o trabalho com os bebês. No próximo

capítulo iremos caracterizar os bebês e suas interações, como devem ser o espaço para eles e enfatizar as interações dos profissionais da Educação Infantil com esses sujeitos.

## 4 OS BEBÊS E SUAS INTERAÇÕES

É importante ressaltar inicialmente, que os bebês são sujeitos de direitos, antes mesmo de nascer, ainda na barriga da mãe seus direitos são assegurados no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990) em seus artigos 7º e 8º, assegurando a efetivação de políticas públicas que assegurem o seu nascimento de forma sadia em condições dignas de existência (BRASIL, 1990).

As crianças em geral e especificamente as com a idade entre 0 a 1 ano e seis meses, chamadas de bebês, mantém uma maior dependência com o outro, principalmente com os adultos, necessitando da ajuda e cuidados por ainda estarem em processo de formação do seu sistema cognitivo, da sua coordenação motora e do seu emocional. Os bebês, em geral, possuem singularidades que são características da sua faixa etária, a grande maioria possui as mesmas particularidades que são perceptíveis a partir do momento do seu nascimento, como o característico choro.

São sujeitos que estão chegando em um lugar onde tudo é novo e desconhecido, então eles precisam desbravar e passar por experiências que dependem do outro, tanto para a sua sobrevivência como para suprir suas necessidades fisiológicas como se alimentar, realizar sua higiene, auxílio quando está doente, e também suas necessidades emocionais e interacionais.

Mesmo com todas estas características que são similares em muitos dos bebês, elas não os tornam todos iguais em sua totalidade, segundo Richter e Barbosa (2010) “Cada criança que nasce é um desafio, uma interrupção, uma interrogação ao trazer consigo outras possibilidades de agir.” (p.86), é claro que as características cognitivas, afetivas e psicomotoras não serão as mesmas em todos os bebês, não há uma obrigatoriedade na forma que a criança tem que ser e agir, existe uma pluralidade de contextos, realidades e culturas que a criança está inserida, e cada criança vai se expressar de uma maneira singular. A partir disto,

[...] há poucas décadas, a criança, no primeiro ano de vida, era considerada um ser imaturo. Pelo fato de não andar, não correr, não falar, pensava-se que ela não sabia outras coisas. Fazia-se uma generalização inadequada, pois se estendia essa incompletude para todos outros processos. Enfatizava-se também a comunicação linguística sobre a não verbal, a cognição sobre o afeto (PEDROSA, 2009, p. 17).

Em nosso corpo social perdura uma concepção arraigada da imagem dos bebês, acredita-se majoritariamente que estes sujeitos são imensuravelmente seres dependentes, em

todos os aspectos, dos adultos, fazendo com que prevaleça a ideia sobre eles de impotência, incapacidade e “tábula rasa”. Nos tempos atuais perdura ainda mais a concepção de superproteção, não deixando que ocorra, muitas vezes, suas interações com o mundo em que estão e com o outro, desenvolvendo assim uma forma de “engessamento” das crianças. Recentemente esta perspectiva está mudando, diferentemente do que se pensavam, os bebês são sujeitos autônomos em seu desenvolvimento, que estão aprendendo a todo momento. Do ponto de vista orgânico, as crianças, no primeiro ano de vida, realizam grandes conquistas através do movimento e das linguagens do corpo” (RICHTER; BARBOSA, 2010, p.87), as linguagens utilizadas pelo bebê para se comunicar, diferem da linguagem que conhecemos como única, a do falar, a linguagem linguística, e segundo Richter e Barbosa (2010),

Os bebês sabem muitas coisas que nós culturalmente não conseguimos ainda ver e compreender e, portanto, reconhecer como um saber. As suas formas de interpretar, significar e comunicar emergem do corpo e acontecem através dos gestos, dos olhares, dos sorrisos, dos choros, enquanto movimentos expressivos e comunicativos anteriores à linguagem verbal e que constituem, simultâneos à criação do campo da confiança, os primeiros canais de interação com o mundo e os outros, permanecendo em nós – em nosso corpo – e no modo como estabelecemos nossas relações sociais (p.87).

Neste sentido, os bebês nos mostram que não são “tábulas rasas” e nos ensinam outros modos de sentir, perceber e agir no mundo, como eles fazem, sempre curiosos, estão a todo momento pesquisando e aprendendo durante seus movimentos corporais e relações interpessoais com os demais presentes em seu cotidiano, em uma relação mútua de troca de diferentes experiências, e durante estas relações não só aprendem mas podem ensinar também. Este convívio com o outro que os bebês necessitam, principalmente em seus primeiros meses de vida, o ajudam a explorar o “novo mundo” em que estão, estas relações são chamadas de interações sociais. Segundo Vygotsky (1991), o desenvolvimento cognitivo da criança se dá por meio destas interações com o meio em que está, e com outras pessoas, fazendo com que ocorra uma troca de saberes, é o adulto que proporciona às crianças bem pequenas estes momentos e, de acordo com Barbosa (2010), “Esse é um grande papel para a educação infantil principalmente no que se refere às crianças bem pequenas, pois nesta faixa etária as interações entre as pessoas têm expressiva relevância para a construção das identidades pessoal e coletiva das crianças”.

A construção dessas identidades só será possível através da valorização dos bebês, da sua autonomia, instigando sua curiosidade e sua busca incessante do novo, deixando-os conviver, explorar e descobrir o mundo a sua volta, essa suposta autonomia que a criança

possui de poder buscar, “aparece” a partir “de um laboratório submerso e silencioso de tentativas, provas, experimentos para comunicar, organizar intercâmbios e interações” (MALAGUZZI, 2004, p. 16), que acontece a todo momento intrinsecamente com seus pares e com os adultos, se fazendo possível através da disponibilidade dos mesmos.

Desta forma, compreendendo as especificidades das crianças bem pequenas, as diversas linguagens com que se comunicam, e a importância dos estímulos para com ela, entende-se a necessidade de se desenvolver nas instituições de educação uma prática pedagógica de qualidade em um ambiente que proporcione o desenvolvimento de aprendizagens para o bebê em um espaço adequado que será caracterizado no tópico subsequente.

#### 4.1 O ESPAÇO ADEQUADO PARA OS BEBÊS

Os bebês não conhecem muitos outros espaços a não ser suas próprias casas, quando saem de seus ambientes familiares, observam um universo desconhecido, e ao adentrarem nas creches entram em um mundo totalmente novo ao qual não estão acostumados a ver e estar. Sendo este um ambiente que ao adentrarem, irão passar a maior parte do seu dia, e estarão sem os adultos com os quais costumam se relacionar, e em alguns casos essa situação pode causar um certo estranhamento. Sabendo-se disto, é necessário que essas salas de referência destinadas aos bebês, chamadas de berçários pelas instituições, sejam um ambiente acolhedor e aconchegante, fazendo com que essa mudança se torne um pouco menos difícil para os bebês.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil definem as escolas infantis como instituições abertas às famílias e à comunidade, como um local que oferece a efetivação de um direito social de todas as famílias e que tem por objetivo garantir bem-estar a todos. Nesse sentido, esses estabelecimentos educacionais têm como foco a criança [...] (BARBOSA, 2010, p.2).

Seguindo a concepção de garantir o bem estar, é necessário nestes espaços uma área ampla, bem iluminada, organizada, limpa e apropriada para ser explorada pelos bebês, para que favoreça o seu bem-estar. É importante entender que a organização deve ser de um espaço que não se destine somente para a permanência do bebê por determinado tempo, mas que seja um ambiente propriamente educativo, em que a criança ao explorá-lo, consiga ampliar o universo de experiências e de aprendizagens sem muita intervenção, de forma autônoma.

Para os bebês, a ida para a creche significa a ampliação dos contatos com o mundo; para os adultos, responsáveis pela educação das crianças na creche, significa selecionar, refletir e organizar a vida na escola com práticas sociais que evidenciem os modos como os professores compreendem o patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico e os modos como traduzem, no exercício da docência, as suas propostas pedagógicas (BARBOSA, 2010, p. 4).

As instituições de educação infantil, nas salas de berçário, precisam conter espaços com materiais específicos organizados pelos professores que estimulem as crianças, como brinquedos, e recursos a serem explorados pelos bebês como livros, espelhos e materiais sensoriais, para que a aprendizagem e o desenvolvimento do educando ocorra de forma qualificada em um ambiente educativo, porém é importante que não haja apenas a disponibilidade destes objetos, mas que seja favorecido o acesso deles aos bebês, pois a disponibilidade e acessibilidade dos brinquedos na sala de referência precisa ser atendida, de forma equilibrada.

Alguns pesquisadores observaram que quando os espaços nas escolas estão bem planejados o professor deixa de ser o único foco de atenção das crianças e o próprio ambiente chama as crianças pequenas para diferentes atividades. Isto é, uma das tarefas principais de um professor de bebês é criar um ambiente onde as crianças possam viver, brincar e serem acompanhadas em suas aprendizagens individualmente e também em pequenos grupos (BARBOSA, 2010, p. 8).

Além das salas de referências para os bebês, há espaços de uso coletivo, como o pátio e parquinho, espaços estes onde ocorrem o contato e as interações com outras crianças em faixas etárias diferentes, e para que haja um bom funcionamento e relacionamento de todas é preciso uma boa organização do espaço, das atividades e brinquedos dispostos, algo que será realizado pela professora ou professor, nesta perspectiva devemos pensar sobre os profissionais de educação que temos e os que queremos formar.

#### 4.2 OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A princípio, como já foi falado no trabalho, as instituições de educação infantil nasceram com o intuito de apenas cuidar das crianças para as mães poderem trabalhar, em que as mulheres que exerciam essas funções de atender estas mães, não possuíam nenhuma formação, sem intencionalidade nenhuma em suas práticas, a concepção de existir um viés

pedagógico nas práticas, surgiu só depois e de forma precária. Com o progresso da educação infantil foram conquistados muitos direitos no Brasil e com a Lei nº 9.394 de 1996, passou-se a exigir que os profissionais que atuam na educação infantil fossem melhor qualificados e para os professores exigiu-se que possuísem formação no curso de Pedagogia, conforme exposto no artigo 64,

A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional (BRASIL, 1996, p.25).

Com essa exigência da Graduação, no presente vem se reconhecendo e se assimilando, que se necessita de uma prática intencional ao se trabalhar com crianças, mas que não pode se dissociar de um certo cuidado para com elas também. O essencial é a união das duas concepções a de cuidar e educar as crianças, entendendo-se que a educação infantil precisa funcionar em parceria e articulação com as famílias,

Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (BRASIL, 2017, p.36).

Esta concepção é destinada às Professoras, mas a realidade é que nem todas as pessoas que desempenham essa função em instituições que ofertam a educação infantil, possuem essa habilitação necessária, o que resulta em uma postura que se resume a apenas cuidar das crianças. Nas creches, essa atitude meramente assistencialista perdura principalmente nas salas dos berçários, onde estão os bebês que são sujeitos vistos pela sociedade como incapazes e que não precisam “aprender”, as profissionais que estão interagindo e que possuem contato direto com estas crianças, as professoras e berçaristas, por se responsabilizarem por estes sujeitos, são desvalorizadas pela sociedade, que acreditam que sua atividade se resume ao cuidar, não considerando a formação do profissional. De acordo com o Ministério da Educação,

No Brasil, a formação dos profissionais que atuam em educação infantil, principalmente em creches, praticamente inexiste como habilitação específica. Assinala-se que algumas pesquisas registram um expressivo número de profissionais que lidam diretamente com crianças, cuja formação não atinge o ensino fundamental completo. Outros concluíram o ensino médio, mas sem a habilitação de magistério e, mesmo quem a concluiu, não está adequadamente formado, pois esta habilitação não contempla as especificidades da educação infantil (BRASIL 1998, p. 11).

Sabendo que esta realidade perdura no cotidiano das instituições, é possível justificar a atuação deficiente existente, pois é de imensurável a importância que a formação destes profissionais seja adequada, e que a sua habilitação atenda as especificidades que os bebês possuem, desenvolvendo uma educação de qualidade a começar da primeira fase da educação infantil. Para nós, os profissionais destinados a estas ações intencionais da educação são os Professores, que possuem a formação necessária, compreendendo-se, de acordo com Amorim e Dias (2013), que

[...] a ação docente nesse nível de ensino possui uma especificidade que é marcada pelas características próprias das crianças nessa faixa etária, quais sejam: a globalidade de suas ações, sua condição de vulnerabilidade e sua potencialidade de conhecimentos. Tal especificidade aponta, pois, para uma ação multifacetada, pautada na indissociabilidade cuidado-educação (p.41).

Vale ressaltar a importância da formação inicial e continuada que o profissional de educação infantil necessita ter, para que sua prática neste lugar englobe a educação, a sensibilidade com a criança, a afetividade, o afetar e deixar-se ser afetado pela mesma, sem remover o cuidado na execução de suas ações, mesmo sabendo que ainda perdura uma visão no meio social do campo da educação infantil, principalmente nas primeiras etapas como nos berçários, de uma profissão que se assemelha a profissão de babá, pelo motivo de exercerem atividades como banho e troca de fraldas, o que desvaloriza ainda mais a profissão, desmotivando os profissionais.

Não podemos deixar de falar que há muitos profissionais que atuam nas instituições de educação infantil, em diversas funções da portaria à direção, estas pessoas em sua grande maioria não possuem formação e adentraram nas instituições por experiência, ou por indicação, atuando no mesmo espaço e possuindo contato com as crianças, compreende-se que a estes profissionais, também cabe uma postura pedagógica, postura essa que esteja apta a garantir os direitos das crianças, tentando expandir as experiências das mesmas, deixando que se expressem.

Os profissionais que atuam na educação infantil e que adentraram ao campo escolar por meio de concurso, possuem uma formação, são os profissionais atuantes nos cargos de diretora, supervisora e professora, sendo em sua maioria mulheres que atuam na educação infantil. É exigido destas uma concepção mais ampla das ações necessárias a se desenvolver em suas interações com as crianças e especificamente com os bebês, que serão discutidas posteriormente.

#### 4.3 A INTERAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM OS BEBÊS

As interações com o mundo e com as pessoas são indispensáveis ao desenvolvimento humano em todos os aspectos, seja físico, cognitivo ou emocional e para os bebês que estão na fase inicial da vida onde tudo é novo e o campo de descoberta é enorme é ainda mais necessária. Através das interações com o outro, seja com outros bebês ou com outros adultos, este compromisso hoje não está destinado apenas a família, mas está compartilhado com todas as pessoas que ocupam os espaços de interação onde os bebês estão, como os profissionais atuantes nas instituições que ofertam a educação infantil, sabendo que,

Ela oferece à criança o contato com o contexto cultural ao qual pertence, ampliando sua visão de mundo, em um local planejado e preparado para ser agradável e instigante à sua curiosidade, no qual aprende o valor da beleza dos detalhes e do bemviver e onde pode ser ouvida e respeitada. Tais práticas educacionais exigem adultos envolvidos com o compromisso coletivo de oferecer atenção e assumir uma atitude de confiança na criança que está ali para participar dos acontecimentos com os adultos, aprendendo a conviver nesse mundo que se apresenta a ela. Porém, as crianças não o aprendem passivamente (BRASIL, 2009, p. 58).

As(os) profissionais da educação infantil, em suas práticas cotidianas necessitam proporcionar momentos de interação com a criança para estabelecer uma relação de confiança, por meio de conversas, durante as ações de cuidados com todas as crianças e no ato de cuidar individualmente das mesmas, observando suas atitudes e estimulando-as sempre que possível.

Entendendo que como seres humanos, somos sujeitos emocionais, o profissional durante as suas atitudes para com os bebês precisa demonstrar afeto, fazendo com que estes sujeitos de 0 a 3 anos, se sintam seguros e estabeleçam uma relação com o educador de respeito, por meio destas interações afetivas. Segundo Wallon (1995) as relações de

afetividade estabelecidos pelas pessoas ao seu redor facilita o processo de aprendizado que a criança está formando. É de extrema importância que o profissional estabeleça a criação desses vínculos, pois é com este profissional que a criança irá conviver boa parte dos seus dias, “nesse sentido, compreendemos que a criança na faixa etária de 0 a 3 anos é um ser frágil, vulnerável e dependente, mas é também uma criança capaz de interagir com o mundo e com os outros indivíduos” (AMORIM, 2011, p. 138).

No CREI, os adultos que possuem a responsabilidade de favorecer o desenvolvimento dos bebês são as profissionais que interagem diretamente com eles, as Professoras e as chamadas berçaristas. Diferentemente da prática no meio doméstico, o que se espera destas profissionais não é só a concepção assistencialista, mas uma concepção de intencionalidade pedagógica, em todas as suas ações, seja em um simples banho guiando suas ações pela fala, ou ao dar comida, informando o que é. Durante todo o cotidiano nos espaços de educação infantil, a professora está sempre implicada e ocupada com as crianças, mesmo quando está distante apenas observando. Seu olhar atento, os gestos delicados, as palavras escolhidas, a oferta de ideias e materiais, garante às crianças a segurança necessária para ir além do conhecido e experimentar o novo (BRASIL, 2009, p. 100).

Mediante a forma que aconteça estas interações dos profissionais com os bebês, o adulto pode estimular o desenvolvimento do mesmo ou interrompê-lo, através do ato de não entender as suas formas de se expressar e falar com o mundo. Nessa perspectiva compreende-se que, “as linguagens são apreendidas pelas crianças muito cedo nas interações que estabelecem com outras crianças e adultos.” (RICHTER, BARBOSA, 2010, p.87). Então, torna-se extremamente importante que o profissional atuante na educação, saiba entender estas linguagens, principalmente na educação de bebês, pois precisa atentar às diversas linguagens expressivas da criança. Estas linguagens antecedem a fala do sujeito, reproduzidas pelo o olhar, o toque, o choro, o sorriso, seus movimentos do corpo, estas diferentes formas de falar precisam ser traduzidas pelos adultos, a não tradução delas resultam muitas vezes em práticas que “engessam” a criança, não deixando ela se expressar, ou traduzindo estas linguagens de maneira equivocada,

As crianças pequenas e os bebês são sujeitos que necessitam de atenção, proteção, alimentação, brincadeiras, higiene, escuta, afeto. O fato de serem simultaneamente frágeis e potentes em relação ao mundo, de serem biologicamente sociais, os torna reféns da interação, da presença efetiva do outro e, principalmente, do investimento afetivo dado pela confiança do outro (BARBOSA, 2009, p. 23).

Através das relações de troca entre os bebês e as berçaristas, nas interações diretas que estabelecem, quando o profissional se deixa afetar pela criança durante estas situações, desenvolve uma habilidade de entender o outro, consegue atrair a sua confiança, fazendo com que assim, crie um currículo interativo, que possibilite ao educando exercer a sua autonomia, e conseqüentemente que aconteça o seu desenvolvimento, e ampliação de suas experiências.

A criação de um currículo interativo e narrativo é necessário nas creches e pré-escolas, mas não é reconhecido e valorizado nos currículos para crianças pequenas. “Pelo contrário, elas são insistentemente desencorajadas a iniciarem e organizarem outro percurso, que não vá além do previsto pelo adulto” (BARBOSA, 2009, p.88), o educador em sua prática deve entender que nem sempre as situações ocorrerá da maneira que ele planejou, estando preparado aos imprevistos, deixa com que o educando seja protagonista da sua aprendizagem sem muitas intervenções, esta ação só se dá pela organização da sua rotina e do seu trabalho. Entende-se que,

A organização do trabalho pedagógico envolve desde a forma de projetar e mediar o relacionamento entre os profissionais – docentes e não docentes – e os pais ou familiares, o planejamento, o espaço e o tempo, as rotinas e o brincar, até as estratégias pedagógicas que permitam aos professores acompanharem todas as etapas do cotidiano na educação infantil (BRASIL, 2009, p. 88).

Durante a organização deste trabalho é indispensável que os momentos de aprendizagens envolvam o lúdico como tema norteador entre todo o desenvolvimento, apreendendo a atenção dos bebês nestes espaços de tempo onde se desenvolve especificamente atividades educativas, chamados pelos profissionais de “o momento do educar”, como se não fossem desenvolvidas aprendizagens no restante do tempo, só naquele momento que é traduzido pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) da seguinte maneira:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis (BRASIL, 1998a, p.23).

Sobre esta perspectiva, demonstramos o papel que os profissionais devem desenvolver no cotidiano dos Centros de Referência de Educação Infantil, abordando os conceitos que deverão ser ressaltados em suas práticas. Essa competência da educação das crianças de 0 a 3 anos, exige uma formação diferente, conforme Barbosa e Richter (2013),

Estar com os bebês e ser professora de crianças pequenas exige outra formação. Uma formação que considere também a experiência lúdica de aprender como selecionar e contar histórias, como conhecer e vocalizar poemas, cantar, dançar, pintar, desenhar e também refletir sobre como se convida um bebê a segurar sua própria colher para comer com independência (p. 88).

Esta concepção só é alcançada por intermédio de uma formação qualificada do profissional que reconheça e valorize a educação destes sujeitos. Em seguida, será discutido a apresentação dos resultados obtidos durante a pesquisa realizada, e suas análises.

## 5 AS INTERAÇÕES OBSERVADAS NO CONTEXTO DO CREI

Ao ir a campo tínhamos o intuito de investigar, tentar compreender e buscar a correlação entre os dados, as situações vivenciadas e os atos observados. Assim, neste capítulo apresentamos as análises dos dados observados e presenciados durante a pesquisa.

### 5.1 CARACTERIZANDO A INSTITUIÇÃO

As visitas para a realização da pesquisa aconteceram em um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI), localizado na cidade de João Pessoa/PB. O CREI é o espaço onde acontece as vivências das crianças durante o período da creche e pré escola, e é lá que ocorre a educação ofertada aos bebês.

A instituição escolhida para a realização da pesquisa, é composta em seu espaço físico de ambientes amplos com várias dependências, que incluem 09 (nove) salas de referência, 01 (uma) sala de direção, 1 (uma) sala de informática, 03 (três) banheiros para adultos, 01 (um) Almojarifado de limpeza e alimentação, 01 (uma) cozinha, 01 (um) lactário, 01 (um) pátio coberto, 01 (uma) secretaria, 01 (uma) sala dos professores, 03 (três) áreas de parquinho, 01 (um) pátio descoberto, 01 (um) refeitório, 02 (dois) banheiros para crianças, 02 (dois) banheiros para adultos, 01 (uma) sala de tecnologia da informação, 01 (uma) horta pedagógica, 05 (cinco) solários e 01 (uma) lavanderia.

Enquanto ao atendimento prestado às crianças, o CREI conta com 9 (nove) turmas que comportam o total de 239 (duzentos e trinta e nove) crianças matriculadas na instituição, todas as turmas são acompanhadas durante o turno Integral, na turma do Berçário 1, são atendidas 27 (vinte e sete) crianças, com a faixa etária de 6 (seis) meses á 1 (um) ano de idade; a turma do Berçário 2, atende 31 (trinta e uma) crianças na faixa etária de 1 (um) ano á 1(um) ano e 11 (onze) meses de idade; o Maternal 1, atende 30 crianças dentro da faixa etária de 2 (dois) anos a 3 (três) anos de idade; o Maternal 2 A, atende 32 (trinta e duas) crianças, dentro da faixa etária de 3 (três) á 4 (quatro) anos de idade, que é a mesma do Maternal 2 B, que atende 30 (trinta) crianças; nos Pré 1 A e B há crianças, na faixa etária de 4 á 5 anos de idade, contendo nas duas turmas a mesma quantidade de 30 (vinte e oito) crianças; os Pré 2 “A” e “B” atendem crianças de 5 à 6 anos, contendo 30 (trinta) crianças no “A” e 27 (vinte e duas) crianças no “B”.

Em relação a estrutura física, o CREI apresenta uma estrutura bem conservada e ideal ao uso, com arquitetura adequada, levando em consideração os Parâmetros Básicos de Infra-estrutura para Instituições de Educação Infantil (BRASIL, 2006, p.21) no que aborda:

Assim, o projeto, a edificação e as reformas das unidades de Educação Infantil devem buscar:

- a) a relação harmoniosa com o entorno, garantindo conforto ambiental dos seus usuários (conforto térmico, visual, acústico, olfativo/qualidade do ar) e qualidade sanitária dos ambientes; [...]
- d) a adequação dos ambientes internos e externos (arranjo espacial, volumetria, materiais, cores e texturas) com as práticas pedagógicas, a cultura, o desenvolvimento infantil e a acessibilidade universal, envolvendo o conceito de ambientes inclusivos.

A instituição contempla os pontos, contendo os espaços de interação coletiva, no parque aberto e coberto, com brinquedos em boas condições e como podemos visualizar nos registros abaixo:

**Foto 01 - Parquinho do CREI**



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

**Foto 02 - Área do Pátio interno do CREI**



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

Além disso, ressaltamos a importância de o espaço de uma instituição de educação infantil atender e conter ambientes que favoreçam a socialização das crianças com seus pares e que possibilitem a interação através da brincadeira de forma livre e segura, segundo Vinão e Escolano (2001),

[...] o espaço escolar tem de ser analisado como um constructo cultural que expressa e reflete, para além de sua materialidade, determinados discursos. No quadro das modernas teorias da percepção espaço-escola é, além disso, um mediador cultural em relação à gênese e formação dos primeiros esquemas cognitivos e motores, ou seja, um elemento significativo do currículo, uma fonte de experiência e aprendizagem (p.26).

Na instituição observada há parques com espaços amplos e arejados, planejados de forma educativa com uma boa quantidade de brinquedos conservados, garantindo a segurança e conforto das crianças, e no refeitório com mesas, bancos, lavatórios e bebedouros em uma altura acessível para as crianças exercerem sua autonomia.

A instituição participa de alguns projetos atualmente, o projeto “CREI nota dez”, projeto este que todos os Centros de Referência em Educação Infantil do município de João Pessoa participam, outro projeto é referente à formação de professores e formação continuada, como o PNAID (Programa Nacional de Formação de Agente de Inclusão Digital), o projeto da ABRINQ (Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos), o Projeto leitura no berçário, que é uma parceria da Prefeitura municipal de João Pessoa e da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, um projeto de formação de gestores, e participação em seminários como o do perfil do monitor escolar, e o 1º Seminário da região metropolitana de João Pessoa: “Escola? Presente”, com a temática da BNCC - currículo escolar e formação para a Educação Infantil, em que a participação é só das Professoras da instituição.

Sobre o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, foi questionado a diretora do CREI, se a instituição possuía e sua resposta foi: “Está em processo de elaboração não finalizado até o momento, mas o documento apresentava em seu texto a história da instituição, conta a biografia da pessoa homenageada pelo o nome da instituição, o documento leva em consideração a preservação e o combate à dengue, o contexto sociocultural no qual a instituição se insere, fala sobre a comunidade, a situação financeira e o modo de renda dos membros da comunidade, as concepções que norteiam trabalho pedagógico na instituição são as concepções do cuidar e educar, sem o esquecimento do lúdico, confirmou que aborda a realização do planejamento pedagógico e é realizado quinzenalmente um planejamento geral para todo o corpo de funcionários do CREI, e a avaliação do desenvolvimento das crianças é

de forma qualitativa, contínua e que a cada semestre o professor faz o diagnóstico no diário, havendo o diagnóstico inicial, bimestral e o direitos de aprendizagens contemplados pela criança”.

Sobre a pesquisa de campo, esta ocorreu entre o final do mês de outubro ao final do mês de janeiro, a turma escolhida entre estas citadas foi a do Berçário 1, chamado por todos da equipe de B1, onde foi acompanhado o final do ano letivo de 2019 da turma do Berçário 1, e o período de colônia de férias da mesma. A turma pesquisada contava com 27 crianças matriculadas e 22 frequentes entre a faixa etária de seis a onze meses de idade, com uma Professora e cinco berçaristas.

A sala de referência do berçário contava com uma estrutura ampla e arejada, com grandes janelas, baixas dando acessibilidade as crianças para observar o salário, continha um ar condicionado mas estava quebrado, então estavam utilizando um ventilador, próximo das janelas possuía uma grande bancada de mármore com uma pia, com alguns brinquedos organizados, bonecas, bichos de pelúcia e um aparelho de som, no chão estava várias peças de tatame, onde as crianças permaneciam a grande parte do tempo, onde aconteciam suas interações, brincando e realizando as refeições.

**Foto 03** - Espaço na Sala de referência com os tatames, pia e janelas.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

O local continha também uma área onde ficavam seis berços e uma pequena pia com um espelho acima, em uma altura que era acessível apenas para a professora e as berçaristas, outro espaço para os cadeirões, que os bebês utilizavam no momento do lanche ou quando

eram mantidos de “repouso”, em um outro canto da sala permanecia outro berço que comportava os colchões, que eram retirados no momento do sono e eram colocados ao chão.

**Foto 04** - Espaço com os berços na sala de referência pesquisada.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

**Foto 05** - Espaço da sala de referência pesquisada com cadeirões.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

O lugar ainda comporta um banheiro com outra bancada comprida de mármore, com partes para se encaixar as banheiras, e trocadores de tatame, também tem um armário com prateleiras para guardar o material utilizado, materiais de higiene, toalhas, lençóis e roupas.

**Foto 06** - Banheiro da sala de referência pesquisada.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

**Foto 07** - Banheiro da sala de referência pesquisada.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

A sala de referência, conta com um ambiente que possui as dependências necessárias, mas é perceptível a falta de acessibilidade das crianças aos brinquedos e sua pequena quantidade, não contendo espelhos na altura dos bebês, e não continha livros na sala. Segundo Carvalho e Rubiano (2001, p. 109): “[...] é altamente recomendável que ambientes institucionais ofereçam oportunidade para as crianças desenvolverem sua individualidade, permitindo-lhes ter acesso e possuir seus próprios objetos”. É de grande importância a acessibilidade das crianças aos materiais e brinquedos disponibilizados no ambiente em que estão, o acesso a materiais, possibilita a exploração das diversas experiências que as crianças pequenas deveriam vivenciar nesta etapa da educação, favorecendo assim o exercício de sua autonomia, através das interações proporcionadas com os objetos desenvolvem aprendizagens.

Quanto aos profissionais que atuam na instituição, na gestão, há a diretora formada em Pedagogia, e uma secretária; na equipe pedagógica não havia nenhum profissional; na equipe docente havia 09 (nove) professoras com graduação em Pedagogia, 07 (sete) monitoras, 07 (sete) berçaristas sem nenhuma formação, 01 (um) professor de música formado em Música e 01 (uma) monitora de informática com formação em TI; no corpo técnico e de apoio, atua na instituição 02 (duas) auxiliares de serviços, 02 (duas) cozinheiras, 01 (uma) lactarista, 04 (quatro) vigilantes e 02 (dois) pais que auxiliavam na horta pedagógica.

## 5.2 AS PROFISSIONAIS E OS BEBÊS DO CREI

As Profissionais que compõem a equipe e que atuam na sala de referência diretamente com os bebês, são cinco mulheres no cargo de berçaristas, na faixa etária entre 28 (vinte e oito) a 52 (cinquenta e dois) anos, nenhuma possui uma formação em nível superior, apenas 02 (duas) concluíram o ensino médio e 03 (três) possuíam o ensino fundamental em seus anos finais, a equipe possuía também uma Professora com graduação no curso de Pedagogia, mas que durante a pesquisa não permanecia dentro da sala de referência e, conseqüentemente, não interagia com as crianças, sua permanência na instituição ocorria na sala de coordenação, realizando outras atividades.

Durante a pesquisa, pedi para as berçaristas que respondessem um questionário, com a finalidade de compreender as concepções que possuíam sobre a educação infantil e suas práticas, já que eram as profissionais que interagiam diretamente com os bebês. Foi entregue a todas berçaristas mas houve uma recusa, acredita-se que por possuírem algum receio ou vergonha, se negaram a responder, orientando a pesquisadora que entregasse somente a Professora. Assim, o questionário foi preenchido apenas pela professora.

A Professora contratada possui 30 (trinta) anos idade, pedagoga de formação pela Universidade Federal da Paraíba, concluindo o curso no ano de 2015, atua na Educação Infantil a 5 (cinco) anos e no berçário a 3 (três) anos.

Ao ser questionada sobre o que seria interação, a Professora respondeu: “Interação é um tipo de comunicação, expressando algo, seja através de palavra ou linguagem corporal.”

Mediante a fala da Professora, vale ressaltar que por sua formação, sua concepção de interação está muito próxima do conceito teórico discutido neste trabalho, podemos destacar que a sua não permanência em sala juntamente com as crianças, impede a execução de uma prática que favoreça as interações.

Ao ser perguntada como acontece a relação com os bebês, a Professora respondeu: “A relação entre bebês, em sala “berçário” primeiramente é um espaço acolhedor e de aprendizagem, a relação se dá também por meio do ambiente educativo e por meio de brincadeiras e daí vão criando várias maneiras de interação”.

Nesta resposta podemos atentar primeiramente que ela não incluiu o adulto na interação com os bebês, considerou somente as interações entre bebês e seus pares, falando sobre o espaço da sala de referência, comentando ser um ambiente interativo, mesmo que durante a pesquisa, observamos a ausência de espelhos, livros e poucos brinquedos que não eram disponibilizados a altura dos bebês. Outro aspecto de sua fala é a frase em que cita que por meio das brincadeiras, os bebês vão criando várias maneiras de interação, nesta faixa etária, segundo Oliveira (1995), o comportamento de crianças pequenas é fortemente determinado pelas características das situações concretas em que se encontram, os bebês na maioria das vezes desejam algo que está em seu campo de visão de imediato, foi perceptível que os brinquedos não eram disponibilizados a altura dos bebês que neste ambiente da sala não exerciam uma autonomia no brincar, necessitando do adulto nesta sala ainda para a realização de atividades como a brincadeira com o outro, e durante a pesquisa, não foi notado a atenção a este ponto.

Indagada por qual a parte do seu trabalho que mais gosta, respondeu: “Tem vários momentos, mas os momentos das atividades lúdicas e ver o rendimento me deixa bastante satisfeita”.

A sua fala nesta pergunta levanta outro questionamento, sobre quais seriam estes momentos lúdicos citados, pois durante todas as visitas realizadas pela pesquisadora, a professora só visitou a sala duas vezes, sem contato com as crianças, e mesmo as berçaristas presentes em sala, não realizavam por acreditarem ser o “papel da Professora”. É notável que o termo “momentos lúdicos”, é utilizado como um momento desassociado de todas as práticas, onde acontece em um único espaço de tempo.

Ao ser questionada por qual a parte do seu trabalho achava mais difícil, sua resposta foi: “A parte da comunicação com os pais, têm muitos deles que não entendem, que por as crianças conviverem com outras crianças, podem haver mordidas, enfim, muitos pais esquecem de que seus filhos convive com outras crianças da mesma faixa etária”.

Nesta resposta é perceptível alguns erros gramaticais, outro aspecto relevante é que o ponto mais difícil de sua prática não decorre da convivência com os bebês, e sim da convivência e da comunicação com os pais, compreende-se que “os pais das crianças, provêm de mundos sociais diversos e necessitam de muito diálogo para estabelecer parâmetros para a

educação de seus filhos” (BARBOSA, 2010, p. 4), e este diálogo se mostra de extrema importância para um bom relacionamento com a comunidade, nesta fala a profissional revela que sua atuação na instituição, mesmo sendo a professora do berçário, não acontece de uma forma que tenha o contato direto com as crianças do berçário, e sim com os pais.

Ainda sobre a questão anterior, foi questionado, o que você faz para reverter a dificuldade e tornar seu trabalho mais proveitoso, a resposta foi: “Tendo bastante comunicação e sempre está informando os pais de tudo”.

Nesta resposta, a profissional contempla uma das funções que as creches possuem, a função social (DCNEI, 2009), garantindo o bem estar da criança e da família, compartilhando com as mesmas o processo de formação da criança pequena em sua integralidade.

Diante de todas as respostas recebidas durante o questionário, é perceptível que a Professora por possuir uma formação adequada, detém o entendimento sobre os conceitos de interação e a importância do diálogo com a família, na relação família-escola, no que se diz respeito à relação com as crianças. Entretanto, por não se manter em sala durante a maior parte do tempo, não apresenta em sua fala aspectos sobre a sua relação com os bebês e o que desenvolve para seu aprendizado, mantendo respostas curtas e pontuais.

Abordaremos a seguir os bebês presentes na sala de referência, como já foi apontado são 27 crianças matriculadas no ano de 2019 na turma de berçário 1, mas apenas 22 crianças são frequentes, estavam na faixa etária entre 6 (seis) e 11 (onze) meses de idade.

Foi possível atentar que a maioria dos bebês estava no processo de andar sem um certo equilíbrio, pois ainda não controlam a musculatura do tronco e não possuem uma certa noção espacial, fazendo com que se chocassem frequentemente uns com os outros, mas já conseguiam explorar bastante o espaço correndo, apenas três dos bebês não conseguiam andar, e permaneciam sentados.

Os bebês também já estão no processo de iniciação da fala, emitindo alguns balbucios, dois dos bebês diziam algumas frases como “dá” pedindo algo e “ga” indicando água.

Sobre a rotina dos bebês no chamado b1 no CREI, fui informada inicialmente que ocorreria primeiramente a acolhida, após eram trocadas as roupas, e servido o café da manhã no horário de 7h20, em seguida se dirigiram para o banho de sol no solário, depois um momento no parque coberto situado no pátio da instituição até o período das 09h00, quando aconteceria o lanche da manhã, após o lanche haveria o momento lúdico, com uma contação de história ou brincadeira, em seguida aconteceria o banho, o almoço, o momento do sono, ao acordarem seria servido outro lanche, as crianças tomavam um banho, jantavam e aguardavam a chegada dos pais.

### 5.3 AS INTERAÇÕES COM E ENTRE OS BEBÊS

Abordaremos as interações observadas que ocorreram durante o tempo da pesquisa, entendendo, como já foi dito, que os bebês precisam de interação com outrem ou com algo para que possam se desenvolver em sua completude. Conforme defende Vygotsky (apud. OLIVEIRA, 1992, p.68), "Na ausência do outro, o homem não se constrói homem", por isso entende-se que para a aprendizagem acontecer é necessário que ocorra uma relação de troca. Delimitamos 03 (três) categorias de interações presentes na pesquisa, são eles, a relação de interação entre berçaristas-bebês, bebês-seus pares e bebês-pesquisadora.

Iniciaremos analisando as interações durante a relação entre berçaristas-bebês. No nosso referencial teórico expomos a importância deste profissional nas interações das crianças, pois é ele que, como responsável naquele ambiente, possibilita as interações, com ele, com o espaço e com as outras crianças, e possibilitam ao mesmo o desenvolvimento de sua autonomia. Nesta categoria destacamos as seguintes anotações sobre as interações registradas em nosso Diário de campo, por questões éticas as berçaristas não serão nomeadas, serão indicadas como, Berçarista 1, Berçarista 2, Berçarista 3, Berçarista 4 e Berçarista 5, e os nomes dos bebês citados serão fictícios:

A Berçarista 5, chega na sala de referência, e diz para a Berçarista 3 que só estava passando para avisar que iria contribuir na cozinha naquele dia, a Berçarista 5 chama todas as crianças e fala: "titia vai ficar na cozinha hoje, tá bom? Mais titia vai ficar com saudade de vocês", chama-os para lhe dar um abraço e sai da sala de referência. (Diário de campo, 28/10/2019)

Beatriz, uma criança que sempre está se movimentando por todo o espaço, se joga em direção a Berçarista 1, que a repreende falando: "Menina! Tu é um chumbo, se endireita!", logo após ela observa o que a pesquisadora viu e se justifica dizendo: "ela não tem noção do peso que tem!" (Diário de campo, 28/10/2019)

Bernardo, um bebê que já está desenvolvendo a fala, vai até a Berçarista 2 que está conversando com a Berçarista 1, e emite balbucios para indicar que Bianca havia pego o brinquedo que estava em sua mão. A Berçarista 1 não se afeta com a chamada da criança, que sai e vai em direção de Bianca e a morde, quando Bianca chora e o morde também, ela pega os dois e os colocam nos berços da sala e diz: "Vocês vão ficar aí, para aprender a parar de morder os outros!" (Diário de campo 07/09/2019)

A Berçarista 3 chama Bárbara para tomar banho, a criança permanece no mesmo lugar, então ela pega-a pelos braços arrastando até o banheiro, a criança chora, e a berçarista diz para a Berçarista 1: "Essa menina é cheia de gosto" e realiza o banho sem falar nada mais. (Diário de campo 07/10/2019)

Perto do momento da saída a Berçarista 3, sente um mal cheiro e começa a olhar qual dos bebês teriam feito cocô, e percebe que é Bárbara e a leva para o banheiro dizendo: “Bem agora essa menina vai fazer isso”. (Diário de campo 14/10/2019)

Berçarista 4, está olhando Bruna se coçando, a chama para observá-la e diz: “Essa menina deve estar com xanha, vou nem tocar” com uma cara de nojo, pega Bruna e a coloca em um dos caldeirões, deixando-a lá em todo o momento, só tirando-a no período da tarde no momento em que sua mãe chega. (Diário de campo 17/12/2019)

No momento do sono Bernardo e Brena estão com a cabeça levantada olhando para a pesquisadora e as outras crianças, a Berçarista 3 grita: “Abaixa a cabeça e fecha o olho Bernardo e Brena!” as crianças abaixam a cabeça no momento, mas retornam a levantar, então a Berçarista 3, pede para a pesquisadora balançar Brena com as mãos e que lhe entregue um pano que estava no colchão, quando recebe o joga em cima da cabeça de Brena. (Diário de campo 17/12/2019)

Durante os relatos acima, foi evidente que apenas as berçaristas permaneciam na sala com os bebês e a professora estava na instituição mas permanecia a todo tempo na secretaria, sem contato com as crianças, resultando em uma prática das berçaristas totalmente sem intencionalidade pedagógica, visando só o “cuidar” reforçando a concepção destacada por Amorim (2011) de que “Uns educam e outros cuidam das crianças, rompendo, de modo inaceitável, a articulação educar e cuidar”. No primeiro relato, destaca-se a sensibilidade que a Berçarista 5 possui em sua ação de comunicar aos bebês o motivo de sua ausência em sala, a criança pode não expressar através da fala os seus sentimentos, mas pelos gestos e movimentos ela se expressa, quando pediu um abraço todos foram ao seu encontro.

Na maioria das vezes, foi notável que as Berçaristas em suas práticas com os bebês não dispunham de atitudes refletidas sem momentos de interações intencionais que contribuíssem para novas aprendizagens aos educandos, a realização das tarefas de cuidado, como o banho, os momentos das refeições, e momentos de higiene, eram realizados de maneira rápida e mecânica. Os diálogos entre as crianças e as berçaristas na maioria das vezes, como na chamada para o banho, para dormir e no momento das refeições, ocorriam com uma linguagem não apropriada para falar com os bebês, e em casos específicos até de forma grosseira nos momentos de intervenção em brigas. Entende-se que,

Os bebês e as crianças pequenas estão construindo suas primeiras aprendizagens e, em todas as situações aprendem: quando conversamos com eles e nos respondem com balbucios, quando trocamos suas fraldas eles nos auxiliam esticando as pernas. Todas as vivências são educadoras nessa faixa etária. A criança nasce inscrita em um código natural e sociocultural. Na

interação com o outro, nas inúmeras possibilidades que o outro lhe aponta, ela imprime as marcas do humano e constrói sentidos nas linguagens. Sentidos intimamente vinculados ao ato de brincar, criar, linguajar (BARBOSA, 2010, p. 91).

Entendendo a importância de práticas que favoreçam estas vivências ao bebê, destaca-se a forma que acontecia a comunicação das berçaristas com os bebês, mesmo sabendo que as crianças da turma não se comunicavam ainda de uma forma convencional, através de seus movimentos e linguagem que emergem do seu corpo, podem se expressar, seja no ato de troca de fralda ou no banho, é reconhecido que pelo ritmo acelerado do cotidiano do CREI, os bebês não recebem a atenção necessária que o seu ritmo orgânico necessita.

É importante que em todas as ações realizadas com os bebês, façam parte os atos de interação e diálogo, de uma forma que a ação do adulto, no caso as berçaristas, seja afetuosa, entendendo que “as crianças pequenas e os bebês são sujeitos que necessitam de atenção, proteção, alimentação, brincadeiras, higiene, escuta, afeto” (BRASIL, 2009, p. 23), o contato precisa acontecer de maneira atenciosa e cuidadosa, entendendo-se que é fundamental que a educação ofertada na primeiríssima infância da criança seja de qualidade, estimulando suas aprendizagens, para o desenvolvimento harmonioso da mesma, compreendendo que seus ensinamentos nesta fase, atribui marcas do que é vivenciado em suas ações futuras, “a infância deixa marcas, permanece e habita os seres humanos ao longo de toda a vida, como uma intensidade, uma presença, um jeito de ser e estar no mundo. Como uma reserva de sonhos, de descobertas, de tristezas, de encanto e entusiasmos” (BRASIL, 2009, p. 23).

Outro aspecto relevante é que como a quantidade de berços não comportava todas as crianças presentes no espaço, a utilização dos berços é como forma de “punição”, espaço de manter as crianças que fazem algo que machuque seus pares, retirando ele do espaço de convivência em que estão todos, impedindo os bebês de interagir com os outros, e esta medida é tomada sem uma intervenção educativa, diferente do que as berçaristas possam pensar, essa atitude não faz com que os bebês aprendam a não utilizar da violência para resolver seus conflitos, segundo Amorim (2011), nessas situações, as crianças são colocadas em uma condição de submissão ao adulto e acabam aprendendo a obedecer, não questionar, acarretando em uma não promoção da sua autonomia.

Um ponto que vale salientar, é o afastamento da criança que estava supostamente com alguma alergia no corpo, das demais crianças sem nenhum brinquedo para sua interação, mantida no cadeirão, só observando os outros bebês, essa atitude nos demonstra o despreparo das profissionais, pois um bebê ainda não possui a devida percepção dos fatos, não

assimilando o real motivo de estar privada de interagir com os outros, mesmo que a criança tenha aceitado de forma passiva, sem ter expressado choro, esta não foi a atitude mais cabível à situação.

Foi perceptível que as berçaristas não pegavam as crianças no colo em nenhum momento, o contato era apenas para retirá-las de um local e colocá-las em outro. As berçaristas justificavam essa ação de não pegá-las no colo, pelo motivo de conter muitas crianças, para não estimulá-las a sempre estarem no colo ou em suas palavras “não dar costume”, mas Barbosa (2008) explica que “as relações estabelecidas através dos diálogos – corporais e orais – fazem parte do processo que nos torna seres humanos ou sujeitos com vontade, com capacidade de raciocínio e imaginação” (p. 02). As crianças, mesmo quando choravam, não eram acalentadas, e permaneciam mantidas no tatame, é importante salientar que o “colo” é uma expressão de afeto necessário em algumas situações, e principalmente na relação com os bebês, sendo uma relação interpessoal, característica nas relações com os bebês.

Para se desenvolverem e aprenderem, as crianças precisam se sentir seguras e aceitas, interagir e se relacionar com os outros e aceitar a si e aos outros. Nesse sentido, [...] expõe a importância do olhar, do abraço, do ritmo e balanço corporal e do movimento nessas relações interpessoais. Entendemos que esses aspectos são, ao mesmo tempo, estratégias relacionais e “conteúdos” de aprendizagem (AMORIM, 2011, p.142).

Através dos dados expostos, compreende-se a importância de uma formação inicial e continuada dos profissionais que atuam na área de Educação Infantil, visando uma prática pedagógica intencional, com novos métodos e a ampliação dos olhares destes profissionais com a educação destinada a atender as especificidades da educação destinadas aos bebês.

A relação entre os bebês-seus pares, é uma relação em que os sujeitos participantes estão no mesmo estágio cognitivo, aprendendo e descobrindo o espaço a sua volta com experiências conjuntas. Os bebês são seres dependentes e ao mesmo tempo autônomos em suas interações e a todo momento interagem com o ambiente, e com os objetos presentes na sala de referência, vivenciando e experimentando.

A seguir serão explicitadas algumas das experiências vivenciadas na pesquisa destacando as relações entre bebês-seus pares a partir dos trechos a seguir:

Bernadete estava com uma chupeta em sua boca andando pela sala, quando Benedito viu a sua chupeta, puxou-a da boca de Bernadete, que se desequilibrou e caiu ao chão chorando bastante, Bianca viu Bernadete ao chão

e a ajudou a levantar, pegou-a pela mão, observou o adulto mais próximo viu que a pesquisadora era a que estava e dirigiu-se até ela emitindo com balbucios e apontando para explicar o motivo de Bernadete estar chorando. (Diário de campo 14/10/2019)

Bianca e Benício estavam batendo na porta que dá em direção ao solário e outras crianças da turma do berçário 2 que estavam no solário apareciam no vidro da porta, e começaram a interagir com eles olhando e dando gargalhadas ao baterem na porta. (Diário de campo 21/10/2019)

Bruno e Beatriz estavam no berço, Bianca e Breno se aproximaram e os quatro bebês ficaram se observando, até que os dois que estavam no chão foram posicionando seus pés nos vãos do berço tentando subir e entrar no berço, os que estavam dentro tentavam impedi-los, empurrando as mãos das outras crianças. (Diário de campo 15/11/2019)

Estava chovendo e Bárbara juntamente com Bernardo e Breno foram em direção a janela e observando as gotas caírem na janela, apontavam com os dedos e emitiam balbucios uns aos outros para indicar que a chuva estava descendo. (Diário de campo, 23/01/2020)

Em um berço no canto da sala estava cheio de brinquedos, Benício e Bento começaram a mexer entre os vãos do berço, tentando pegá-los, até que conseguiram pegar uma bola e começaram a brincar, Beatriz viu e foi até eles para pegar o brinquedo puxando, quando não conseguiu pegar bateu com força na cabeça de Bento que chorou. (Diário de campo, 23/01/2020)

Bruna estava em um cadeirão observando as outras crianças que estavam no chão, Bernadete a viu, foi em sua direção e começou a mexer em suas pernas sorrindo, Bruna pega de surpresa começou a sorrir também, continuaram a repetir a ação. (Diário de campo 15/11/2019)

Foi possível analisar que como as crianças passavam a maior parte do tempo “livre” deixadas interagindo entre si, sozinhas sem a presença de brinquedos, ficando a mercê do espontaneísmo, buscavam a todo momento formas de interação com outros bebês e o espaço.

Nestes trechos expostos, é possível perceber, que os bebês possuem suas próprias linguagens para interagir com seus pares e se relacionar com os mesmos, podendo ser através do choro, para expressar sua insatisfação, pelo olhar, alguns gestos, o toque, expressão de balbucios, o riso e gritos, falando através destas e de outras formas de inter-relacionar-se com seus semelhantes, a todo momento se comunicando e expondo suas emoções e sentimentos, como raiva, felicidade, tristeza e até quando não está se sentindo bem, enfim tentam através do corpo se comunicar a todo momento com o mundo a sua volta.

No momento do banho de sol no solário, da turma do Berçário 2, a comunicação pelos olhares e sorrisos dos bebês, construiu um diálogo duradouro pela janela da porta e pelos janelões que estavam em uma altura favorável às suas observações, como podemos visualizar

nas fotos a seguir:

**Foto 08** - Bebês interagindo com outros bebês na porta da sala de referência e solário.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

**Foto 09** - Bebês observando a chuva pela janela da sala de referência



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

Estes designs da arquitetura da sala de referência foram de grande relevância para as crianças exercerem a sua autonomia, mesmo sem um direcionamento, os bebês e seus pares vão pesquisando e exploraram o que está sendo atrativo naquele momento aos seus olhos, estando ativos, produtivos e criando vínculos e culturas, conforme Barbosa (2010),

Assim, as propostas pedagógicas dirigidas aos bebês devem ter como objetivo garantir às crianças acesso aos processos de apropriação, renovação e articulação de diferentes linguagens. É importante ter em vista que o

currículo é vivenciado pelas crianças pequenas não apenas através de propostas de atividades dirigidas, mas principalmente através da imersão em experiências com pessoas e objetos, constituindo uma história, uma narrativa de vida, bem como na interação com diferentes linguagens, em situações contextualizadas, adquirindo, assim, o progressivo domínio das linguagens gestuais, verbais, plásticas, dramáticas, musicais e outras e suas formas específicas de expressão, de comunicação, de produção humana (p.5).

Os bebês, por meio de suas diferentes linguagens, desenvolvem diversas habilidades, suas habilidades cognitivas e comportamentais, começam a se moldar, ainda nos berçários. E uma de suas expressões mais corriqueiras na realidade que pudemos observar nos relatos do Diário de campo na turma do berçário 1, eram as mordidas, expressão essa que pode aparecer para manifestar o sentimento de raiva, partindo do pressuposto que o gesto precede a fala, este é um comportamento bastante presente no dia a dia do b1.

Foi perceptível, que muitas crianças estavam mordendo com bastante frequência os seus pares, como forma de defesa ou interação com os outros bebês, as berçaristas intervieram sempre quando ocorria, neste caso presente no relato, a intervenção utilizada foi a retirada das crianças do espaço em que as demais crianças estavam, do chão, e colocou-as nos berços, como uma forma de punição por morder.

**Foto 10:** Bebês interagindo com seus pares no berço.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

Ao serem colocadas neste espaço sem brinquedos, as crianças ficaram em pé, e logo outras crianças se aproximaram e ficaram observando, e interagindo com os seus pares e queriam subir, colocavam os pés nos espaços e eram empurradas por seus pares que estavam

dentro, mas mesmo assim não desistiram e permaneceram um bom tempo nesta atividade, explorando sua capacidade corporal.

Outro aspecto importante observado, foi a não valorização da brincadeira e do brincar pelos profissionais, sendo disponibilizados poucos brinquedos ou mesmo nenhum às crianças, fazendo com que fossem atrás de brinquedos, objetos ou de outros para brincar, ocasionando alguns conflitos. Na concepção do teórico Vygotsky (1991), a brincadeira não é algo orgânico, onde a criança já nasce com isto intrínseco a si, o ato de brincar é aprendido, desde cedo, nas relações que estabelecem com seus pares através de sua cultura. Isso foi evidenciado no relato citado, quando um dos bebês interagiu com a criança que estava sentada no cadeirão utilizando-se de sua espontaneidade com o outro.

Abordaremos adiante algumas das interações na relação bebês-pesquisadora. A pesquisadora ao adentrar o campo, tentou de todas as formas não intervir no ambiente pesquisado, mas é praticamente impossível a não intervenção, por existir uma grande quantidade de crianças, em alguns momentos as berçaristas solicitavam o auxílio, em outros os bebês estavam em situações que necessitavam de uma intervenção imediata em que, quem estava mais próximo era a pesquisadora e, às vezes, os bebês vinham a seu encontro para interagir. Diante dessas situações, ocorreram algumas experiências, que foram compartilhadas em campo com os bebês, e que serão expostas a seguir:

Beatriz corria por toda a sala interagindo com todos, vinha em direção a Pesquisadora e com um sorriso no rosto se jogava em seu colo, e tornava a repetir esta ação. (Diário de campo, 28/11/2019)

Bernardo e Bianca, observaram que a Pesquisadora estava escrevendo em um caderno com uma caneta, logo em seguida se aproximaram e ficaram observando a ação da Pesquisadora, quando ela parou de escrever, Bianca pegou a caneta e a observou e com suas mãos começou a interagir com o objeto, olhando para a Pesquisadora sorrindo. (Diário de campo, 28/11/2019)

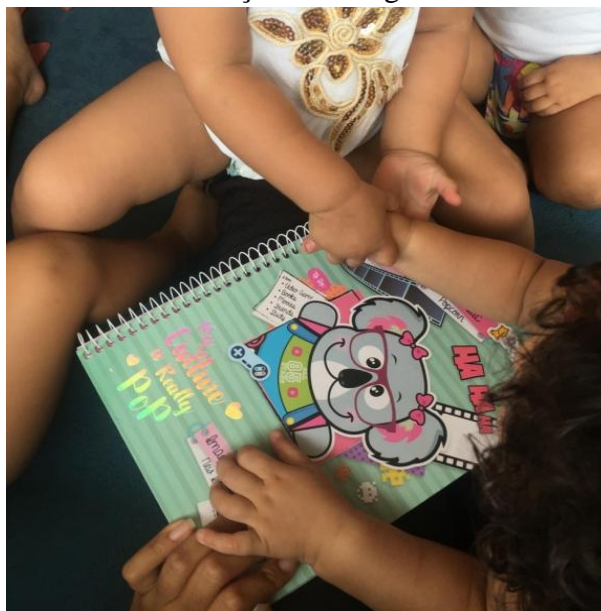
A Pesquisadora fechou o seu caderno e começou a bater com a mão na capa do caderno, em seguida chegaram Beatriz, Benicio, Bárbara e Benjamim para realizar a mesma ação, imitando a ação. Quando pararam de bater na capa do caderno, atentaram para as ilustrações em sua capa indicando com o dedo e olhando para a Pesquisadora que foi falando o que seria cada ilustração e os bebês tentaram repetir emitindo balbucios. (Diário de campo, 28/11/2019)

Belinda estava chorando muito, sentada no chão da sala por um motivo ocorrido antes da chegada da Pesquisadora, ao vê-la chegar parou de chorar e ficou olhando-a, quando ela sentou no tatame voltou a chorar, então a Pesquisadora chamou-a com a mão, e Belinda foi até o seu colo sentou e parou de chorar permanecendo ali por um tempo. (Diário de campo, 06/12/2019)

No momento do banho de sol no solário, Benício pegou uma flor que estava no chão, e sorrindo a colocou na mão da Pesquisadora, indicando com a mão que seria para ela. (Diário de campo, 06/12/2019)

Como no espaço de tempo entre o almoço e a saída não eram disponibilizados os brinquedos para as crianças, elas ficavam mexendo uns com os outros, andando pelo espaço, e “pesquisando” por toda parte e tentando chamar a atenção dos adultos. Durante a pesquisa, a pesquisadora sentava-se no tatame com os bebês para manter-se mais próxima das crianças e poder melhor atentar aos acontecimentos, com um caderno e uma caneta. Alguns bebês ficavam curiosos e interagiram muito com os objetos que a pesquisadora possuía, observando, apertando, batendo e descobrindo o som que emitia. Ao observarem a ação da observadora de bater no caderno, ficaram surpreendidos por algo que seria “novo” para eles e suas ações imediatas foi de imitação, percebe-se nesta situação que “educar bebês não significa apenas a constituição e a aplicação de um projeto pedagógico objetivo, mas implica em colocar-se, física e emocionalmente, à disposição das crianças e isto exige dos adultos comprometimento e responsabilidade” (BARBOSA, 2010). Outro objeto que apreendeu a atenção de um dos bebês foi a caneta, podemos observar como ocorreu este momento nas fotos:

**Foto 11** - Bebês do berçário interagindo com o caderno.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

**Foto 12** - Bebê interagindo com a caneta.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

A execução de uma simples conduta da pesquisadora de interação com os bebês e de atenção às suas ações, mostrando-se presente naquele momento, deixando com que a interação e exploração do bebê com os objetos ocorresse de forma autônoma, e depois mostrando-lhe outra possibilidade de agir como o bater, prendeu a atenção das crianças e possivelmente permitiu uma nova aprendizagem. Assim, entende-se que as profissionais presentes no espaço de educação infantil, precisam modificar suas práticas de modo que ocorra a intervenção educativa.

Como um todo, a pesquisa foi muito enriquecedora, pois favoreceu a ampliação do conhecimento e aprendizagem da pesquisadora. Através da observação e análise foi possível estabelecer uma dissociação entre as práticas de cuidar e educar na atuação das profissionais envolvidas. Desse modo, percebemos, que as práticas assistencialistas ainda persistem nas interações entre os bebês e os adultos presentes no espaço do berçário, bem como os diálogos presentes no dia a dia, ocorrem de maneira insuficiente, sem a afetividade necessária e sem o estímulo necessário para que ocorra um dos principais pilares da Educação infantil: as interações dos bebês com os seus pares.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciou-se o trabalho de pesquisa foi possível constatar que havia algumas práticas inseridas nas turmas de berçário nas instituições de educação infantil, que não garantiam o direito das crianças a se desenvolverem na sua completude, como garantido em nos documentos normativos e orientadores da EI, por isso foi relevante o estudo sobre as interações dos bebês com seus pares e com as berçaristas em um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI) localizado no município de João Pessoa/PB. O interesse da temática manifestou-se mediante o desenvolvimento do estágio supervisionado em educação infantil na mesma instituição pesquisada.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral, observar e analisar como ocorrem as interações entre bebês e seus pares e bebês e berçaristas em um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI) de João Pessoa/PB, constatou-se que o objetivo geral foi atendido, pois foi possível entender por meio de observações das interações como era o cotidiano da sala de referência e analisar as interações ocorridas efetivamente. O trabalho conseguiu constatar que as interações ocorriam de maneira não educacional na maioria das vezes, mas em uma concepção mais assistencialista.

O objetivo específico que se buscou alcançar de observar as múltiplas linguagens dos bebês durante as interações, foi atingido, observando as suas diversas linguagens corporais, emocionais e comportamentais.

A finalidade de atingir o objetivo de verificar as formas de interação utilizadas pelas berçaristas com os bebês, foi alcançado, durante a pesquisa, mas verificou-se que não eram utilizadas formas de interação necessárias na ação com os bebês.

Na pesquisa partiu-se da hipótese de que havia ainda, na realidade dos CREIs, práticas arraigadas de não estimulação e de não interação com os bebês nas salas de referência, partindo da realidade da falta de uma formação inicial das profissionais atuantes neste campo. Nas nossas observações pudemos verificar que as práticas visavam executar só a ação do cuidar, entendendo que em nenhum campo educacional é fácil de se atuar e na educação dos bebês se torna ainda mais difícil, por existirem especificidades que ultrapassam a ação da educação, que é o cuidado físico dos bebês e a desvalorização do profissional.

Durante o trabalho verificou-se que as práticas arraigadas resultam em uma realidade de ações deficientes do que realmente é necessário para a educação dos bebês, fazendo com que a nossa hipótese fosse confirmada, através das investigações em campo.

Diante de nossas observações registradas no Diário de campo, conseguimos responder a nossa questão de pesquisa e pudemos compreender como as interações dos bebês no berçário, com seus pares e com as berçaristas mediante as diversas linguagens influenciam no desenvolvimento cognitivo e na construção das aprendizagens das crianças.

A metodologia utilizada durante a pesquisa foi dentro de uma perspectiva qualitativa, para analisar as interações e alcançar o objetivo proposto, através de uma pesquisa exploratória de campo, a coleta de dados aconteceu a partir das minhas anotações, que gerou um diário de campo, com relatos sobre todas as experiências observadas.

Diante da metodologia proposta, percebe-se que o trabalho poderia ter sido realizado com um maior número de entrevistados, como com todas as berçaristas por exemplo, abrangendo a delimitação do campo com um espaço de tempo maior para as observações. Em razão das limitações encontradas durante o percurso da pesquisa, diante das limitações de tempo e disponibilidade da pesquisadora, só foi possível analisar uma turma do berçário

Entendendo que é um campo rico de experiências, recomenda-se que seja pesquisado ainda neste campo outras questões, como, o motivo da professora do berçário 1 não permanecer muito tempo na sala de referência, e esta situação não ser questionada pelos pais dos bebês e pelo corpo de funcionários da instituição.

Sabemos que os bebês são sujeitos de direitos onde um dos seus direitos é a educação infantil, no berçário que é a primeira etapa educacional do ser humano, e se faz tão importante quanto as outras etapas, é um campo, onde existe uma dualidade na ação do profissional, exercendo o cuidar e o educar que vai além das outras etapas de ensino, constatamos que neste espaço ainda há muitas dificuldades, pela falta de conhecimentos de caráter pedagógico das berçaristas no seu dia-a-dia.

Torna-se necessária a existência de uma formação inicial de qualidade e de políticas públicas articuladas com as instituições para que favoreçam e uma formação continuada aos profissionais que interagem com os bebês, para que aconteça uma ampliação dos seus olhares sobre a educação para os sujeitos de 0 a 3 anos, compreendendo que estes profissionais são agentes de transformação neste campo da educação infantil.

Concluimos o trabalho percebendo que aspectos presentes no histórico assistencialista da Educação Infantil ainda perduram em nossa realidade educacional atual. Com isso, fortalecemos a importância das práticas desenvolvidas nos espaços escolares que ofertam a EI serem pautadas no afeto, nas brincadeiras e na comunicação, com o intuito de fortalecer a importância das interações sociais com dos bebês com seus pares e com adultos. Nesse sentido, reiteramos que as instituições que ofertam a educação infantil devem fazer com que

as interações aconteçam em situações além do cuidado físico com os bebês, ou seja, com afeto e estabelecendo vínculos, para que, desse modo, o desenvolvimento e a aprendizagem ocorram de forma integral. Além disso, se faz necessário, também, que as interações aconteçam de modo intencional, o que só é possível através de uma formação de qualidade para os profissionais, em que possam revisar os conceitos que norteiam a Educação infantil, ampliando os olhares e desenvolvendo uma nova prática pedagógica que auxilie substancialmente o desenvolvimento integral dos bebês.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Ana Luisa Nogueira de. **Sobre educar na creche: É possível pensar em currículo para crianças de zero a três anos?** João Pessoa: UFPB, 2011. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/4727/1/ArquivoTotalAna.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2020.

AMORIM, Ana Luisa Nogueira de; DIAS, Adelaide Alves. **Formação do professor de educação infantil: políticas e processos.** Rev. educ. PUC-Campinas, Campinas, 18(1):37-45, 2013.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **As Especificidades da Ação Pedagógica com os Bebês.** In: BRASIL. Ministério da Educação. Consulta pública sobre orientações curriculares nacionais da Educação Infantil. Brasília, DF: MEC/SEB/COEDI, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7154-2-2-artigo-mec-acao-pedagogica-bebes-m-carmem/file> Acesso em: 09 jul. 2019.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; RICHTER, Sandra Regina Simonis. **Os Bebês Interrogam Currículo: As múltiplas linguagens na creche.** In: Anais do 17º Congresso de Leitura do Brasil. Campinas: UNICAMP, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1171/117116990007.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Creche: uma estranha no ninho educacional.** Dialogia, São Paulo, n. 17, p. 75-92, jan./jun. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>> 2016. Acesso em 18 de dez. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Fundamentos pedagógicos e estrutura geral da BNCC.** Brasília, DF, 2017. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=56621-bnccapresentacao-fundamentos-pedagogicos-estrutura-pdf&category\\_slug=janeiro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=56621-bnccapresentacao-fundamentos-pedagogicos-estrutura-pdf&category_slug=janeiro-2017-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: jan. 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil.** vol. 1. Brasília, DF: MEC/SEB/DPE/COEDI, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988, 305 p.

\_\_\_\_\_. **Emenda constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009.** Diário Oficial da União, Brasília, 12 de novembro de 2009, Seção 1, p. 8. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/emendas/emc/emc59.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc59.htm)>. Acesso em: 28 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil,**

Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em:  
<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm#art266](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266)>. Acesso em: 10 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil:** introdução, v. 1, Brasília: DF, 1991. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf)>. Acesso em 31 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil:** formação pessoal e social, v. 2, Brasília; MEC/SEF, 1998b. Disponível em:  
<[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol2.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol2.pdf)>. Acesso em: 31 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Subsídios para credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil.** Brasília: DF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/scfie.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Casa Civil. Lei nº 9.394/1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, DF: Diário Oficial 23 de dez., 1996b. Disponível em:  
<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 30 nov. 2019.

CARVALHO, Maria Campos de; RUBIANO, Márcia R. Bonagamba. Organização dos Espaços em Instituições Pré-Escolares. In: OLIVEIRA, Zilma Moraes. (org.) **Educação Infantil:** muitos olhares. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades.** In: RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

KUHLMAN JR, Moysés. Histórias da educação infantil brasileira. **Revista brasileira de educação,** n. 14, p. 5-18, 2000.

LEWGOY, Alzira Ma. B.; SCAVONI, Maria Lucia. **Supervisão em Serviço Social: A formação do olhar ampliado.** In: Revista Texto & Contextos, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

MALAGUZZI, L. **El cuento de los peces con los niños del cine mudo.** In: REGGIO CHILDREN. Colección La escucha que no se da, 1. Los pequeños del cine mudo: juegos en la escuela infantil entre peces y niños. Barcelona: A.M. Rosa Sensat - Reggio Children, 2004.

MACHADO, Maria Cristina Gomes. **A História da Educação Infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.33, p. 78-95, 2009.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky:** aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky e o processo de formação de conceitos**. In: Piaget, Vygotsky, Wallon - Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992;

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. **A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional**. Revista HISTEDBR On-line. Campinas, SP, n.33, p.78-95, 2009.

PEDROSA, Maria Isabel. **A surpreendente descoberta: quem é e o que pode aprender uma criança de até três anos**. Brasília: MEC. 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, Segunda Parte. 1991.

WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

# APÊNDICES

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**APÊNDICE A –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) Educador(a) \_\_\_\_\_

Esta pesquisa é sobre “AS INTERAÇÕES ENTRE BEBÊS E SEUS PARES E BEBÊS E BERÇARISTAS NO BERÇÁRIO EM UM CREI DE JOÃO PESSOA/PB.” que está sendo desenvolvida por Mariana Ernestina da Silva, estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Professora Dra Ana Luisa Nogueira de Amorim.

O objetivo do estudo é “Analisar as interações entre os bebês e seus pares e bebês e berçaristas no berçário de um CREI em João Pessoa/PB.”

Solicitamos a sua colaboração para a realização da pesquisa respondendo a este questionário, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos e publicações da área de educação. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos previsíveis para a saúde dos envolvidos no estudo.

Esclarecemos que sua participação na pesquisa é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. A pesquisadora estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para a publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Nome completo do(a) participante: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) Participante da Pesquisa

RG: \_\_\_\_\_

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora responsável:

\_\_\_\_\_  
Mariana Ernestina da Silva - (83) 98684-5443

## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

PESQUISA: AS INTERAÇÕES ENTRE BEBÊS E SEUS PARES E BEBÊS E BERÇARISTAS NO BERÇÁRIO EM UM CREI DE JOÃO PESSOA/PB

ESTUDANTE: MARIANA ERNESTINA DA SILVA

### QUESTIONÁRIO

#### PARTE I – Dados Gerais

1. Nome: \_\_\_\_\_
2. Idade: \_\_\_\_\_
3. Formação Acadêmica: \_\_\_\_\_
4. Instituição da Formação: \_\_\_\_\_
5. Ano de conclusão do curso: \_\_\_\_\_
6. Tempo de serviço na Educação Infantil: \_\_\_\_\_
7. Vínculo Empregatício: ( ) Concursado(a) ( ) Contratado(a) ( ) Outro.  
Especificar: \_\_\_\_\_
8. Cargo que ocupa: ( ) Professor/a ( ) Monitor/a ( ) Outro.  
Especificar: \_\_\_\_\_
9. Há quanto tempo atua no berçário? \_\_\_\_\_

#### PARTE II – Questões

10. Para você o que é interação?

---



---



---



---



---

11. Como acontece a relação com os bebês?

---

---

---

---

---

---

---

---

12. Qual a parte do seu trabalho que você mais gosta?

---

---

---

---

---

---

---

---

13. Qual a parte do seu trabalho que você acha mais difícil?

---

---

---

---

---

---

---

---

14. Ainda sobre a questão anterior, o que você faz para reverter a dificuldade e tornar seu trabalho mais proveitoso?

---

---

---

---

---

---

---

---

Obrigada pela sua colaboração!

# ANEXOS

## ANEXO A – QUESTIONÁRIO DA INSTITUIÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

### Questionário de Caracterização da Instituição

#### 1. Identificação da Instituição:

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

Nome do(a) gestor(a): \_\_\_\_\_

Tipo da Instituição: ( ) municipal ( ) estadual ( ) conveniada ( ) comunitária

#### 2. Dependências da Instituição: (especifique a quantidade)

|                      |  |                                   |  |
|----------------------|--|-----------------------------------|--|
| Sala de Direção      |  | Pátio descoberto                  |  |
| Sala de Vice direção |  | Parquinho                         |  |
| Sala de coordenação  |  | Sala para serviço psicológico     |  |
| Secretaria           |  | Sala de serviço médico            |  |
| Sala de referência   |  | Banheiros para crianças           |  |
| Sala de repouso      |  | Sala de atendimentos odontológico |  |
| Sala de reuniões     |  | Refeitório                        |  |
| Sala de professores  |  | Banheiros para adultos            |  |
| Biblioteca           |  | Sala de AEE                       |  |
| Brinquedoteca        |  | Solário                           |  |
| Sala de leitura      |  | Pátio coberto                     |  |
| Sala de vídeo        |  | Outros. Especificar               |  |
| Sala de informática  |  |                                   |  |

**3. Equipamentos de uso didático-pedagógico existente na escola:**

|                               |  |                                 |  |
|-------------------------------|--|---------------------------------|--|
| TV                            |  | Projektor Multimídia/ data-show |  |
| Aparelho de DVD               |  | Retroprojektor                  |  |
| Micro System/ Aparelho de som |  | Outros. Exemplificar.           |  |
| Computador                    |  |                                 |  |

**4. Recursos materiais utilizados na instituição:**


---



---



---



---



---

**5. Atendimento prestado à criança (quantidade de turmas, quantidades de crianças atendidas por turma, turno e faixa etária):**

| TURMA  | TURNO | FAIXA ETÁRIA | Nº DE CRIANÇAS |
|--|-------|--------------|----------------|
|  |       |              |                |
|  |       |              |                |
|  |       |              |                |
|  |       |              |                |
|  |       |              |                |
|  |       |              |                |
|  |       |              |                |
|  |       |              |                |
|  |       |              |                |
| <b>Número de crianças matriculadas na instituição:</b> |       |              |                |

**6. Profissionais que atuam na instituição: (nome, formação e tempo de atuação na Educação Infantil)**



**C) Equipe Docente:** (listar todos os professores incluindo auxiliar, monitor, recreador e berçarista)

| Nome | Cargo/função | Formação | Tempo de atuação |
|------|--------------|----------|------------------|
|      |              |          |                  |
|      |              |          |                  |
|      |              |          |                  |
|      |              |          |                  |
|      |              |          |                  |
|      |              |          |                  |
|      |              |          |                  |
|      |              |          |                  |
|      |              |          |                  |
|      |              |          |                  |

**D) Corpo Técnico e de apoio:** (listar todos os demais profissionais que atuam na Instituição)

| Nome | Cargo/função | Formação | Tempo de atuação |
|------|--------------|----------|------------------|
|      |              |          |                  |
|      |              |          |                  |
|      |              |          |                  |
|      |              |          |                  |
|      |              |          |                  |
|      |              |          |                  |
|      |              |          |                  |
|      |              |          |                  |
|      |              |          |                  |
|      |              |          |                  |

**7. Questões:**

**A)** A instituição realiza algum tipo de diagnóstico sobre a realidade do educando e sobre as características socioeconômicas e culturais da comunidade escolar?

---

---

---

---

---

**B)** Descreve o perfil:

• Do corpo docente:

---

---

---

• Do corpo discente:

---

---

---

**C)** Descreva as Relações Sociais no espaço da instituição:

• Gestores(as), técnicos administrativos, docentes e técnicos pedagógicos:

---

---

---

---

---

---

• Instituição/Comunidade:

---

---

---

---

• Criança/Instituição:

---

---

---

---

**D)** A instituição tem um projeto político pedagógico? Como foi elaborado? Por quem?

---

---

---

---

**E) Como é realizado o planejamento na instituição?**

---

---

---

---

**F) A instituição realiza avaliação do desenvolvimento das crianças? Qual a sistemática adotada para esta avaliação na instituição?**

---

---

---

---